



1929

ANT. LAGEI.

ILUSTRAÇÃO

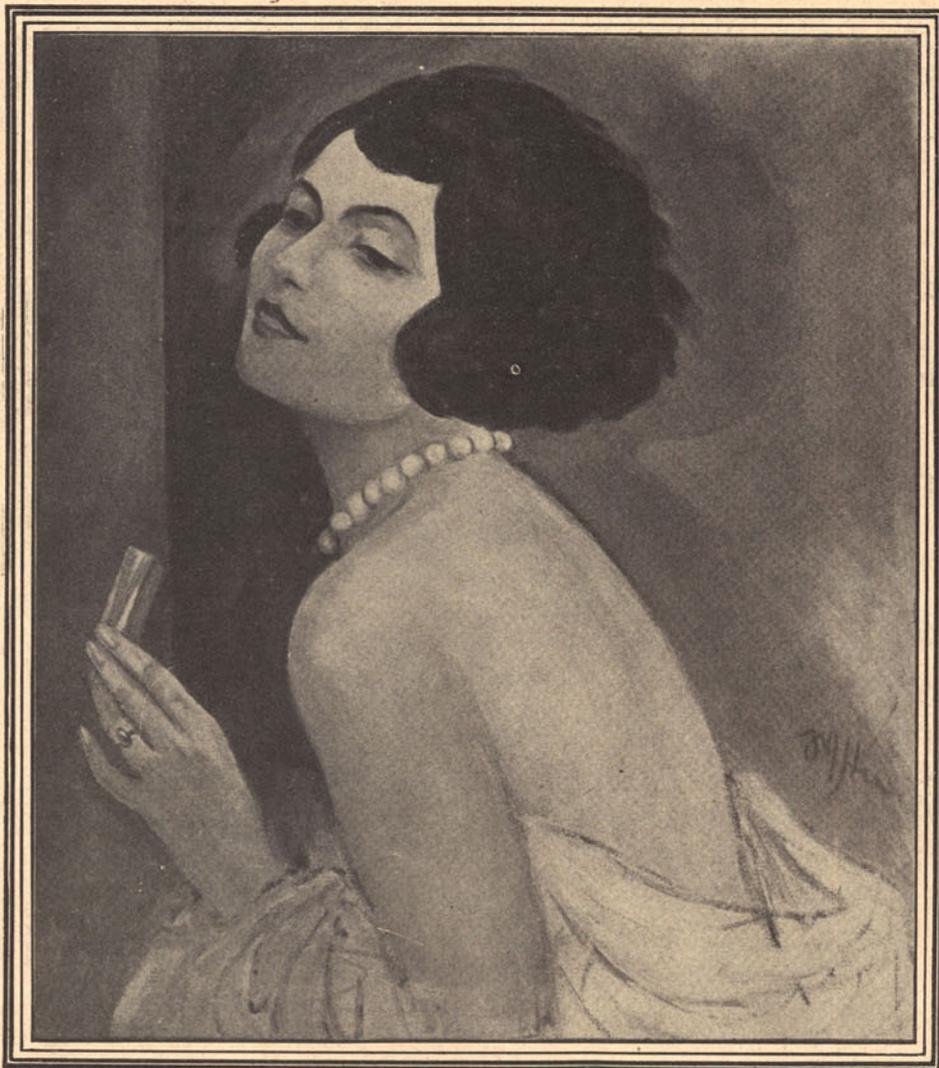
4.º ANO
NUMERO 95

Lisboa, 1 de Dezembro de 1929

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bem-estar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



NA VOSSA CASA

Desejais certamente todas as comodidades que a engenharia do nosso século vos pode proporcionar, tanto para o grande luxo que hoje em dia representa uma cosinha moderna, como especialmente para a higiene que oferecem os modernos aparelhos domésticos, como sejam, refrigeradores, aspiradores, filtros para água, enceradoras e lavadores de roupa.

A CASA ESPECIALISTA É:

Praça dos Restauradores, 72
Telefone N. 4157
LISBOA

Electrolux

Avenida dos Aliados, 9
Telefone N.º 2033
PORTO

SAÍU O NÚMERO DE NATAL

DE _____

MAGAZINE

BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

Com um sumario magnifico.—
Numero de paginas grandemente
_____ aumentado _____

NA CAPA:

UM QUADRO DE
LEONARDO DA VINCI :::::

em 4 côres e prata

QUATRO ESTAMPAS
EM SEPARATA

a duas, três e quatro côres
com obras de arte portuguesas e estran-
geiras—*COLABORAÇÃO MAGNIFICA*

NUMERO AVULSO:
CINCO ESCUDOS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Anchieta, 25 = LISBOA

PÈTROLE

CHIMIQUE DE NALLY

(A base de pètrole neutre, acetone, quinquina, cantharide ete ac salyc)

E' um composto da sciencia moderna, inofensivo e inteiramente diferente dos seus similares. Producto energetico e potente, comunica aos cabelos uma forte vitalidade, impedindo totalmente a sua queda e a formação da caspa. Delicadamente perfumado, usa-se como qualquer loção deste genero.

PREÇO 20\$00

PEDIDOS A

Secção de perfumaria da EVA

L. Trindade Coelho, 10

Jules Richard

Os Tres Melhores
APPARELHOS
de
photographia
estereoscopica



VÉRASCOPE

45-107. 6-13. 7-13

GLYPHOSCOPE

45-107 6-13

HOMÉOS

27 VISTAS SOBRE PELÍCULAS

ENVIAR SE O CATALOGO A QUEM O SOLICITAR

S^{te} A^{me} des E^{ts} **JULES RICHARD**. 25 RUE MELINGUE
MAGASIN DE VENTE 7. RUE LA FAYETTE PARIS

Nenhuma criança portuguesa deve deixar de lêr A VIAGEM MARAVILHOSA por

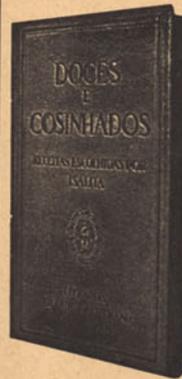
NORBERTO LOPES

«O que eu quero dizer na minha é que A VIAGEM MARAVILHOSA é uma grande obra que a gente grande deve dar a lêr á gente meuda, certa de que lhe proporciona boa literatura e portuguesa».

JOAQUIM LEITÃO
(Do *Diario de Lisboa*).

PREÇO 5\$00

A VENDA NA LIVRARIA
DO "DIARIO DE NOTÍCIAS"
Largo Trindade Coelho, 10 e 11
(antigo Largo de S. Roque).



DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado

com 351 páginas

ESC. 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

PARA OS LÁBIOS...

Uma alta novidade: o actual «baton» MARQUITTA de «NALLY», que se fixa longamente nos lábios, passa a custar nos mesmos tubos de alumínio, em vez de 3\$00 como até aqui, sómente 2\$50

O mesmo «baton» MARQUITTA, num moderno estojo metálico, de luxo, com movimento, dourado ou niquelado 4\$00

Desta forma pode a mulher portuguesa adquirir o mais belo produto de beleza que actualmente se vende para os lábios, em qualquer dos tons da moda, acondicionado com luxos e a preços baratísimos.

Quando esteja gasto o «baton» (já de si de grande rendimento) continuam os estojos metálicos de luxo a servir ainda por longo tempo, carregando-os novamente com os «batons» de recarga, que se vendem avulso a 1\$20

PARA OS OLHOS...

CRAYON «noir» de MARQUITTA de NALLY, para beleza dos olhos, dando a impressão de que são maiores, mais brilhantes e mais rasgados:

Em estojo metálico de luxo..... 4\$00
«Crayons» de recarga avulso para os mesmos estojos 1\$20

ATENÇÃO:—OS ESTOJOS METÁLICOS DE «BATONS» E «CRAYONS» LEVAM GRAVADAS AS PALAVRAS MARQUITTA-NALLY NO TOPO EM LUGAR DO SELO DE GARANTIA.

SECÇÃO DE PERFUMARIA DA EVA
Largo Trindade Coelho, 10

“BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS,,

MAIS UM LINDO LIVRO

CANÇÕES DO AMOR Á TERRA

É o 24.º volume desta biblioteca, contendo magníficos versos de Oliveira Cabral, musica de Estefania Cabreira e ilustrações de Antonio Carneiro e Carlos Carneiro.

É o livro destinado a despertar na criança o entusiasmo por todas as belezas naturais da nossa terra.

PREÇO: 5⁰⁰

A VENDA NA LIVRARIA
DO “DIARIO DE NOTICIAS”
Largo Trindade Coelho, 10 e 11

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

O ultimo volume posto á venda é o

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, muito melhorada e abrangendo os mais recentes progressos da industria automobilista.

*A mais completa obra do género
que existe em lingua portuguesa*

DIRIGIR PEDIDOS ÁS:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



Até as Crenças o Tomam com Agrado.

Que comédia, ou antes, que tragedia para fazer as crenças tomar qualquer purgante de sabôr desagradavel! Os saes de fructa "Eno" não lhes inspira a menor repugnancia, gostando até do seu sabor espumoso e refrigerante.

O ENO é um laxativo efervescente tão inofensivo quanto eficaz; abre o apetite e facilita, sem violencia, o bom estado, do intestino, condição essencial á saude.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarior em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos."

CONSELHO DE AMIGO



V. Exa que tem a pele fina e a barba dura, sirva-se todos os dias do sabão para barba de GELLÉ FRÈRES, PARIS.

Faz muita espuma, não seca sobre a pele e deixa depois da barba uma agradável sensação de frescura.

Barbear-se com o sabão de GELLÉ FRÈRES tornase um versadeiro prazer.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA

ALMANACH

31.º ANO -- 1930

UNICO NO SEU GENERO
EM PORTUGAL

BERTRAND

A mais antiga e maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa

RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronomica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado . **10\$00**

Encadernado luxuosamente. **18\$00**

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' MULHER EXIGENTE...**ARTE DE A CONTENTAR!**

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de beleza e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do «Gato», vai perfumado com a deliciosa essencia

“LA VERBENA” DE NALLY

que só por si lhe dá uma adoravel distincção. Perfume novo numa embalagem linda!

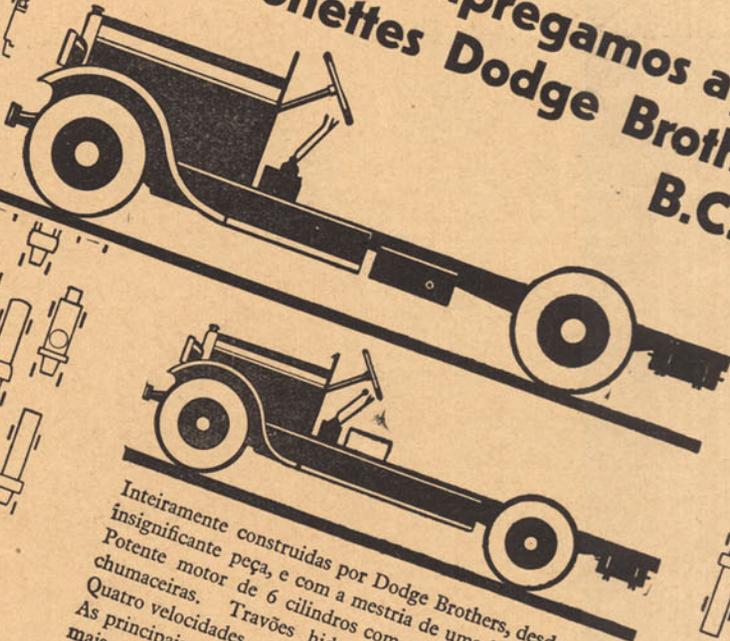
Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ BENAMOR—CAIXA LILAZ

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira seducção.

PEDIDOS Á SECÇÃO DE PERFUMARIA DA “EVA”
Largo Trindade Coelho, 10—LISBOA

**"Nós empregamos agora
18 Camionettes Dodge Brothers"
B.C.S.**



Inteiramente construídas por Dodge Brothers, desde a mais insignificante peça, e com a mestria de uma longa prática. Potente motor de 6 cilindros com cambota apoiada em 7 chumaceiras. Travões hidráulicos, internos, às 4 rodas. Quatro velocidades. Chassis reforçado de aço temperado. As principais peças são todas de aço cromo vanádio, 3 vezes mais resistente do que o aço ordinário.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades variadas, respondendo a 95% das necessidades em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carrosserie—um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de Dodge Brothers. Eles vos mostrarão uma camionette que vos dará os melhores resultados com um mínimo de despesa.

**CAMIONETTES
DODGE BROTHERS**

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA
DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

X
Produtora de Força
mas
deficiente no arranque

Y
Arranque instantaneo
mas
detona facilmente

Z
Anti-detonante
mas
deixa residuos

Shell
Todas as qualidades excelentes
Sem nenhum
mas

AS ASPIRAÇÕES
DOS FABRICANTES
DE AUTOMOVEIS
SATISFEITAS
PELA GASOLINA "SHELL,,

A gasolina "SHELL,, contribui para um arranque instantaneo e, como todos os automobilistas sabem, é extremamente anti-detonante.

Além destas vantagens há a notar o facto não menos importante de a gasolina "SHELL,, devido à sua composição química, produzir o mínimo possível de resíduos, factor essencial para a limpeza do motor.

GASOLINA

SHELL

BEM EQUILIBRADA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procissão)

Telef. T. 871

ANO 4.º — NÚMERO 95

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE DEZEMBRO DE 1929



D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA. — ILUSTRE PROFESSOR E REVERENDÍSSIMO ARCEBISPO DE MITILENE, O MAIS NOVO DOS FRELADOS PORTUGUESES, QUE ACABA DE SER NOMEADO POR SUA SANTIDADE, PARA OCUPAR O PATRIARCADO DE LISBOA. — (Cliché expressamente executado para «Ilustração»)

CRÓNICA DA QUINZENA

O facto notável da quinzena, não propriamente da quinzena de Portugal, mas da quinzena de todo o mundo civilizado, foi a morte de Clemenceau.

Poucos homens chegam, como êle, ao limiar dos noventa anos, e raríssimos, dos que lá chegam, conservam, como êle conservou, quasi até ao derradeiro momento, um relativo vigor de corpo e um notável vigor de espirito — como se, para êles, os regradados invernos, fossem quentes e floridas primaveras.

Quasi todos os homens se gastam na luta; as organizações privilegiadas como a de Clemenceau é na luta que se robustecem, a lutar é que se tornam fortes e resistentes, parecendo que para êles a vida é toda em movimento ascensional, sem as naturais inflexões da idade, vencendo galhardamente os entraves accidentais que no caminho de todos põe a doença, matando por antecipação.

Ainda há poucos anos êle se sujeitou a uma operação grave, seguidamente à qual, efectuada a cura, voltou aos seus hábitos de vida ordinária, isto é, aos seus hábitos de trabalho, incansável trabalhador que sempre foi, só descansando por breves momentos para trabalhar por longas horas.

Quando se assinou a paz de Versailles, em 1919, ia êle a desandar para os oitenta e foi depois disso que lhe apeteceu matar crocodilos nos juncos da Índia, e realizar conferências na América, onde o seu nome era tão popular como na Europa.

Um grande médico francês, Petter, autor dum livro notável sobre doenças do coração, caracterizou bem a prolongada tortura de certos cardíacos, dizendo que êles deixam de viver quando acabam de morrer, significando assim que êsses desgraçados morrem a pouco e pouco, numa lentidão que se arrasta por semanas, meses ou anos, disfarçada a morte em aparências de vida.

De Clemenceau não se poderia dizer coisa parecida. No duelo que travou com a morte foi vencido; mas esse duelo não foi uma lenta e prolongada enfermidade; um arrastar de gemidos e dores; um caminhar de rastos para o repouso tumular, mortificado o corpo e conturbado o espirito. Tinha de ser vencido alguma vez, o formidável lutador, e foi-o por um adversário a que ninguém resiste, caíndo na arena como um herói antigo. Oxalá tenha deixado completo o seu livro de memórias, porque êle deve conter preciosos documentos para se escrever a história da guerra, visto ter sido êle o vencedor nos campos de batalha, e ser o Tratado de Paz que se assinou em Versailles, principalmente obra sua.

Para a glória do seu nome, o mais glorioso dos nomes franceses depois de Napoleão, teria sido bom que Clemenceau morresse no momento em que a Alemanha, sentindo-se incapaz de continuar a guerra, se decidiu a pedir um armistício, maneira elegante e cômoda de não se confessar vencida, entregando-se à mercê do vencedor. Foch, no seu Memorial, faz-lhe as mais acres censuras pelas condições em que o Armistício foi ajustado, com superiores vantagens para os vencidos, não tendo os vencedores sabido tirar partido do seu triunfo, estrondoso e definitivo. E desta grande falta atribui toda a responsabilidade a Clemenceau, tão cioso das suas prerogativas de chefe do Governo, que nem mesmo em assuntos essencialmente militares consentia em ouvir os técnicos particularmente autorizados.

Quando a segunda República, a de 48, foi proclamada em França, Clemenceau tinha sete anos; nenhuma influência podem ter exercido no seu espirito juvenil os sucessos dessa época de romantismo revolucionário, em que a poesia, misturada à política, preparou a infância do 2 de Dezembro.

Em 1870 já Clemenceau, formado em medicina, contava 29 anos, sendo natural que por virtude da vergonhosa derrota infligida ao seu País, e ainda por influência dos trágicos acontecimentos, em Paris, provocados por uma intempestiva insurreição comunista, afogada em sangue derramado à luz dos incêndios que ela ateava, o decidissem a abandonar a sua profissão, que mal iniciara, para se lançar na política, temperamento de combatente que só a combater poderia encontrar aquele justo equilíbrio entre o pensamento e a acção, que condiciona a saúde do corpo e do espirito.

Jornalista dos mais vigorosos e mais scintilantes que tem prestigiado a imprensa francesa, onde sempre abundaram os jornalistas insignes, a pena de Clemenceau valia por uma legião de combatentes, temperada como a durindana de Roldão, como ela abrindo feridas largas e profundas, que difficilmente

curtizavam, e quando suavia curtizarem, deixavam deformidades e aleijões. Êle só, como se fôsse um dos lendários pares de França, esgrimia contra um exército, e dessas batalhas saía sempre ileso, nem sequer vulnerável no calcanhar, como Achilles. A falar, no Parlamento, como a escrever no seu jornal, era um adversário temível, porque além de possuir raros dotes oratórios, era duma intelligência excepcionalmente penetrante, adquirira uma vasta illustração, não apenas literária e histórica, mas também filosófica e científica. Conhecendo muito bem o grego e o latim, estudara nas melhores fontes o desenvolvimento histórico dessas civilizações extintas, não com preocupações de erudito, para encher a memória de factos, de nomes e de datas, mas com o elevado propósito de correlacionar os respectivos fenómenos sociais com as suas causas, próximas ou remotas, e assim deduzir do passado úteis ensinamentos no futuro. Para mais Clemenceau era um ironista tão subtil como delicado; a sua graça tinha muitas vezes o perfume delicado, embora intenso, das rosas de todo o ano, mas continha mais frequentemente o veneno que certas cobras segragam e inoculam quando ferram o dente agudo como um punhal afiado.

Chamaram-lhe *tombeurs de ministères*, porque êle, na verdade, só com a rijeza da sua pena e a veemência da sua palavra, fez cair muitos governos. Não procedia assim por ambições do Poder, mas tão somente por amor da França, patrieta que para o seu País ambicionava o maior prestigio e as maiores venturas, impondo-se, para ver realizadas essa ambição, os maiores e mais duros sacrificios.

Não cabe, na estreiteza desta crónica, fazer uma biografia completa de Clemenceau, sequer ao menos sumariar os actos mais importantes da sua vida, acompanhando-os do indispensável comentário. Avulta entre todos, até à Guerra, a sua campanha, na imprensa e no Parlamento, em favor do serviço de três anos — *Dans les Champs du Pourvoir* — que vale a pena ler, porque essa leitura mostra como via claramente os sucessos que se aproximavam.

Chamaram-lhe *le père la Victoire*, e nesta denominação, ao mesmo tempo justiceira e carinhosa, há toda a comovente ternura dum povo agradecido, e toda a admiração do Mundo subjugado por uma força espiritual, em todos os tempos de excepcional grandeza.

BRITO CÂMACHO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



Grupo de senhoras do Curso de Estudos Musicais com os seus directores profs. Lucila Moreira e Eduardo Libório e prof. Júlio Silva, que cooperaram na festa a Santa Cecília, padroeira dos músicos, na igreja de S. Domingos



Imagem de Santa Cecília inaugurada solenemente na igreja de S. Domingos



O sr. coronel Vicente de Freitas, presidente do Município de Lisboa e antigo presidente do Ministério, prestando provas táticas no campo para a promoção a general



O sr. coronel Vicente de Freitas montando a cavalo para iniciar o comando dos exercícios de Queluz

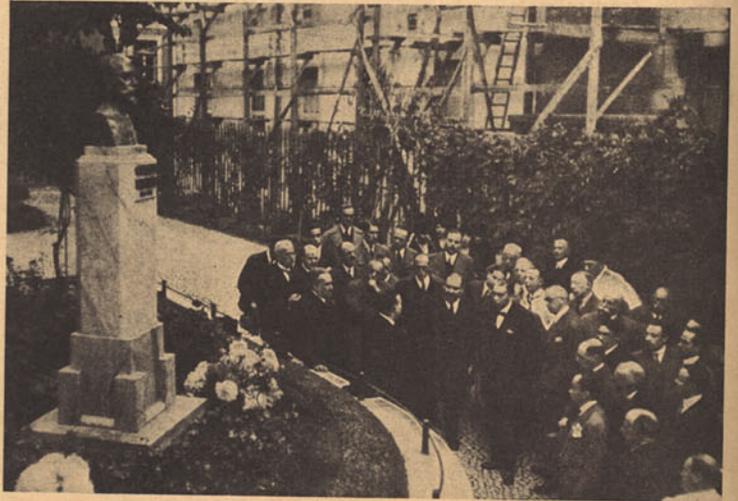


Casamento realizado no dia 20 do corrente, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, de D. Maria Madalena Sousa Lima, filha da sr.ª D. Hermínia Carreira de Sousa Lima e do sr. Artur de Sousa Lima, com o sr. José Alexandre Freire Garcia, filho de D. Virgínia Adelalide Lopes Freire Garcia e do sr. António Augusto Garcia, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos e lançada a bênção de Sua Santidade aos nupcias. Os noivos, padrinhos, reverendo celebrante da cerimónia e convidados, após o enlace. — A DIREITA



FIGURAS E FACTOS

A ESQUERDA: — O dr. Denis Júnior, ilustre director de «A Noites», no norte do país. Em São Miguel de Seide, na piedosa visita à casa do grande Camilo; o dr. Denis Júnior acompanhado de sua família e amigos e dos representantes das colectividades de Famalhão que o foram cumprimentar. Entre os presentes os senhores: dr. Ademar de Melo, conselheiro do Brasil, no Porto; Conde de Azevedo; dr. Angelo César; dr. Nuno Simões; dr. Alberto Feio, director da Bibliotheca Pública de Braga; dr. Roberto Macedo, escritor e magistrado; José Luis Brandão de Carvalho, pintor; António José Nogueira, director do Museu de Camilo, etc., etc. !



Inauguração do busto do ilustre e saudoso professor Câmara Pestana, mártir da ciência, no jardim do Instituto Bacteriológico que tem o seu nome



Recepção na Embaixada do Brasil comemorando o aniversário da República Brasileira



O afamado septeto dr. Passos de Freitas, do Funchal, que, depois de notáveis concertos em Londres e Paris, se apresentou em Lisboa obtendo um successo enorme



O eminente pintor Sousa Pinto ante alguns dos quadros que expôs com amplo successo de critica na Sociedade Nacional de Belas Artes

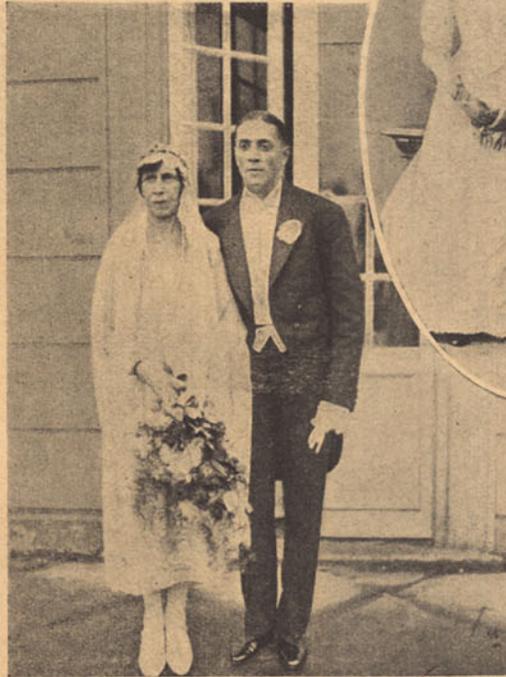


As formosas camionetas que acabam de surgir no Porto para serviço público e que deram à cidade uma fisionomia diversa e moderníssima

DE TODA A PARTE



Eric Maria Remarque (à direita), o glorioso autor de «Nada de novo na frente ocidental», o maior êxito literário deste século, com o conhecido cinegrafista Carl Laemmle, presidente da «Universal», que lhe comprou os direitos de adaptação do celeberrimo romance



Das fotos inéditas da princesa Vitória de Hollenzolern, irmã do ex-Kaiser, e cuja vida aventurosa findou na morte miserável ocorrida há semanas. Em cima, por ocasião do seu casamento com o príncipe Adolfo Schaumburg Lippe (1886), e à esquerda, no dia do seu enlace com o aventureiro russo Alexandre Zubkof (1928)



Os descendentes Tom e Augusto, nossos colaboradores e notáveis pelo seu talento e pela sua ousada mocidade, que em breve abrem a sua exposição anual na galeria Bobone



Visita de S. Ex.ª o conde de Athlone, governador geral da União Sul-Africana, e S. A. R. a Princesa Alice, à cidade de Lourenço Marques. Por ocasião da caçada: o elefante que foi abatido por S. A. a Princesa Alice (2). Na foto vêem-se Lady May (1), o presidente da Câmara, Silva Pereira (3), o conde de Athlone (4) e o administrador de Maputo, Scna Cardoso (5)



EM CIMA: — Assistindo aos exercícios dos Dragões. — O sr. Conde de Athlone (1) e o governador geral de Moçambique, coronel José Cabral (2)

A ESQUERDA: — No acampamento de Maputo, durante a caçada ao elefante. O sr. governador geral da União Sul-Africana, (4), sua esposa, a Princesa Alice (3), sua filha, Lady May (1), o coronel José Cabral, governador da colônia (2) e comitiva

PELO NORTE DO PAÍS

NO OVAL, da esquerda:—Em GOS-
DOMAR.—Inauguração e baptismo
do auto pronto-socorro dos bom-
beiros. Os comandantes de corpe-
ração que assistiram às festas. Ao
fundo o pronto-socorro



A DIREITA:—No
Pórtio—Grupo de dis-
tintas senhoras por-
tuesas que frequen-
tam o Curso de Enfe-
riagem Infantil, aberto
no presbitero e Lene-
mário «Dispensário do
Pórtio para Crianças
Pobres». Ao centro o
director do dispensá-
rio e iniciador dos cur-
sos, o distinto clínico
dr. Júlio Cardoso



NOS DOIS OVAIS DA
DIREITA:—No Pórtio
—Aspectos do peditó-
rio organizado a favor
do «Asilo São Denis»
para crianças indigen-
tes. Os grupos de se-
nhoras que percorre-
ram a cidade colhendo abundantes do-
nativos em bancos e dos transcuntes



EM CIMA:—Durante o peditó-
rio, no Pórtio; um transcun-
te assaltado por algu-
mas gentis senhoras e obrigado a con-
correr para a obra benemérita

(Fotos Alvaro Martins, exclusivas para
«Ilustrações».)

LIVROS E ESCRITORES



BLASCO IBAÑEZ E VALENCIA — Ensaio por JÚLIO JUST.

Entre os livros até agora publicados sobre a personalidade do grande romancista valenciano,



Júlio Just.

ocupa um posto de honra este que acaba de lançar Júlio Just.

A sua biografia tem um mérito indiscutível sobre quantas se têm publicado sobre Blasco Ibañez: é o amor à terra valenciana que inspira e guia a pena de Just. O seu livro não é uma biografia completa do escritor; compreende os períodos da infância e da juventude, que são, sem dúvida, os menos conhecidos; mas, apesar disso, são os períodos da sua vida e actividade literária mais profundamente influenciadas pelo ambiente da terra-mater.

No ensaio biográfico de Just têm a mesma importância o estudo psicológico do escritor e o estudo do ambiente que deixa em Blasco uma influência definitiva.

Achamos também interessantíssima a parte do livro consagrada a valorizar a atmosfera material e espiritual que respirou Blasco Ibañez na primeira etapa da sua vida. Lidas estas páginas, compreende-se facilmente o aspecto popular, democrático, revolucionário e iconoclasta que encontramos como nota constante na produção do famoso romancista.

O livro de Just é um documento eloquente que prova com factos positivos o estreito vínculo que ligava a alma aventureira do romancista à sua terra, que, no entanto, não cantou na doce língua vernácula que o embalou desde a sua terna infância. — F. P.

LIRICI PORTOGHESI MODERNI (Antologia) — Selecção e tradução de GUIDO BATELLI — G. Carabba-Editore-Lanciano. — 5 liras.

Numa lindíssima edição incorporada na Biblioteca de «Escritores italianos e estrangeiros», acaba o grande amigo das letras portu-

guesas, Guido Battelli, de dar à estampa uma antologia de líricos portugueses.

São inúmeros e inestimáveis os serviços que Portugal deve ao eminente professor, apaixonado de Coimbra, serviços desinteressados e de elevado quilate intelectual.

Oxalá não seja recompensado com uma vulgar venera das que por aqui brilham no peito de tanto insignificante... Merece o professor Battelli mais alta recompensa: a gratidão sentida de todos os portugueses. Este formoso volume agora publicado e largamente difundido em Itália, valerá mil vezes mais do que a sorna diplomacia das recepções e dos chás de legação.

Cada italiano que ler esta antologia de líricos, tão primorosamente traduzidos pelo eminente homem de letras, ficará enamorado da nossa terra e das nossas gentes, da encantadora alma lusitana que em cada página palpita, incomparável nas obras primas escolhidas. Façamos votos porque ao professor Battelli não faltem os incentivos e o aplauso que merece, para continuar na sua formosa e meritória obra. E com a vênua da nossa gratidão ousamos lembrar ao insigne tradutor a falta de alguns nomes na sua



Guido Battelli

antologia, pois gostaríamos de, em futuras edições, ver os nomes de António Fogaça, Eduardo Coimbra e Duarte de Almeida, entre outros, substituindo os trechos de Nuno de Montemor, Carlos Lobo de Oliveira e alguns de António Sardinha, que só a lusofilia do professor Battelli fez com que ganhassem categoria para este volume, bem como de ver mais bem representados Augusto Gil e Pascoais, embora em detrimento do poeta menor galego Avelino Gomes Ledo e Júlio Dantas que está, de resto, também inferiormente representado na antologia.

CELSO HERMINIO — Ensaio por ALBERTO MEIRA — Edição de Maranus — Pórtó.

É uma obra de justiça a de Alberto Meira, lembrando aos portugueses, tão esquecidos, que existiu há umas duas décadas, em Portugal, um caricaturista português, a roçar pelo génio, mais forte do que Caran d'Ache, infintamente superior na técnica a Rafael Bordalo Pinheiro, cuja fama os amigos assopraram de tal maneira que se cometeram injustiças como esta de que foi vítima Celso Herminio, o maior caricaturista português. Só pela ressurreição da figura, apagada pela indiferença criminosa, vale muito a ohrinha de Alberto Meira, que deve ser ampliada a maior comетimento. Mas nem só esse valor tem; dentro da sua pequenês

de formato, somia muito e variado cabedal de elementos biográficos lançados a público com elegância e simpática ternura de amigo. — J. S. F.

QUALQUER COISA... — Crónicas por MERCEDES BLASCO. — Rodrigues & C.ª — LISBOA.

Infatigável, esta Mercedes Blasco. De quando em vez, um livro para o mercado, um livro que se arriscaria a ser feito a trouxe-mouxe, banal e insipido, de tão fresca data é ainda o seu antecessor. Mas não. Mercedes Blasco é um caso invulgar nas nossas letras femininas... e masculinas. Todos os seus livros têm um interesse sempre novo, parecendo-se todos, no fundo, como gotas de água. E a luz da vida, que, ao tocar essas gotas de água, belas como lágrimas, as irisa diferentemente, dando-lhe cada vez um novo esplendor de máguas e risos feito. Mercedes Blasco, a espectadora da vida, que para ela morreu em pranto, tem para cada miséria um afago, para cada maldade um sorriso de indulgência, para cada felicidade alheia uma lágrima de ternura. E de lágrimas, sorrisos e afagos, da vida e do amor, ceze as suas crónicas, uma a uma, no seu tear de Penelope. — J. S. F.

HUERTO DE ARISTÓFANES — Contos sarcásticos por M. M. FEDUCHY. — Nuevas Graficas — Madrid — 4 pesetas.

Éis um livro magnífico e execrável. Feduchy tem talento de verdade mas pertence, desgraçadamente, a uma mocidade intelectual, envenenada pelo ambiente, que arvora em bandeira de guerra um cinismo impudico. Não o condenamos por falsa virtude mas por repulsa física de normal pelo anormal. É a literatura satírica como a compreende Feduchy a custo se suporta porque é bem triste ver que alguém com a mocidade e o talento do autor de «Huerto de Aristófanes» não forma, decididamente, ao lado dos novos como ele que, corajosamente, fazem do



Manuel Martínez Feduchy



Eugénio de Castro

talento e da própria vida barreira a tudo quanto é declaradamente perverso, não no sentido fradesco da palavra, mas no seu vasto sentido intelectual.

Em «Huerto de Aristóphanes» o talento do autor esflusia, pletórico, magnífico. Tem contos, este livro, que são, sob o ponto de vista humorístico e da técnica de escrever, verdadeiras perfeições, mas que desbragamento escusado de pormenores, que alarde escusado de cinismo moral, que mal intencionado todo o belo labor do novelista!

No entanto, cumpre indicar como dignos de especial atenção os contos «Por la patria» e «El famoso esqueleto», cujo alcance satírico é magnífico e inteiramente conseguido por processos de extrema originalidade, pessoalíssimos.

Também «Calipso» é um conto superior e dum equilíbrio que, às vezes, não se encontra no restante do livro. — J. S. F.

OBRAS POÉTICAS DE EUGÉNIO DE CASTRO (Vol. V) e ECLOGAS — Editorial Lumen — COIMBRA.

Eugénio de Castro, o homem de quem a sua geração sorriu, com o mesmo ar superior com que a nossa riu de José de Almada Negreiros, Eugénio de Castro, o precioso, o revolucionário da sorna poesia delambida da sua época, é hoje a figura mais representativa da poesia portuguesa. O seu talento é tanto e tão alto o seu estro poético que, sendo considerado oficialmente como o embaixador das nossas letras mais categorizado, mesmo a-pesar dessa pecha possui um real valor, uma soberania artística incontestável. Doutor honoris causa por várias Faculdades estrangeiras, célebre, agasalhado pela fama, compartilhando com Eça de Queirós e Pascoais a admiração entusiástica do público leitor da vizinha Espanha e da América Espanhola, o excelso lavrante de rimas continua em Coimbra, na sua doce e amada Coimbra, a construir, beneditinamente, a catedral de beleza que será a sua obra completa. E ao invés da maior parte dos rimadores e prosistas, que, cada dia que passa, lançam a lume mais um artigo ou livresco que, muitas vezes, são o expoente absoluto da sua decadência ou da sua

nata nulidade, o artista genial de «Rei Galaor» vai dirigindo a nova edição das suas obras, refundindo-as, tentando aperfeiçoá-las ainda, a elas que tocam a própria perfeição e dando-nos, de mês a mês, quasi pode dizer-se, o delicioso prazer de tornar a abrir as suas obras primas, sempre rescentes dum perfume eterno, que se não evola, que persistirá enquanto se fale a língua portuguesa, a mais suave e acariciadora.

O volume V da formosa edição compreende «Constança», «Depois da ceifa», e essa imorreioira «Sombra do Quadrante» que encerra tanta maravilha de ritmo, de lavrataria e de inspiração, com os sonetos aos filhos, dos mais belos da nossa literatura moderna, o delicado Epílogo, o Elmo, Tristíssima, Saúdaes e outras que, a bem espiohar, eram todas as poesias do livro.

No volume de «Eclogas», da mesma edição, lá estão também passagens que são obras inexcitáveis, duma frescura e dum tão alevantado geito poético que fazem lembrar, passo a passo, as líricas e pastoris de Camões, que bem maior lírico foi do que épico, ao invés do que a tradição popular considera. — J. S. F.

PRONTUÁRIO DE ORTOGRAFIA — Manual técnico, por ANTÓNIO DA COSTA LEÃO, prefácio do dr. José Joaquim Nunes — Empresa Nacional de Publicidade — Lisboa (3.ª edição).

O autor do «Prontuário de Ortografia» é um probo e antigo jornalista, daqueles que, pelas suas qualidades pessoais e profissionais, mais dignificam o mister em que empregam a sua bela actividade. Mas, além do seu apurmo e



António da Costa Leão

competência, possui António da Costa Leão vastos conhecimentos literários e vasta erudição de assuntos linguísticos que lhe valeram um lugar de honra na Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Ninguém mais indicado, portanto, do que Costa Leão, para elaborar, com a sua incontestada probidade, um livro de consultas cuja falta a todo o momento se faz sentir no decorrer dos trabalhos não só jornalísticos mas até em todos quantos tenham decidido carácter literário. É este manual utilíssimo, o «Prontuário de Ortografia», já entrando na 3.ª edição pelo seu mérito intrínseco e pela sua iniludível utilidade. Do seu mérito diz a sua rápida venda e os bons serviços que, na uniformização ortográfica, o mesmo resumido tratado tem prestado a todos que o utilizam. — J. S. F.

MONUMENTOS DE PORTUGAL — Colectânea de divulgação Artístico-Monumental dirigida pelo dr. CARLOS DE PASSOS. — N.º 4, Alcobaca, pelo architecto Korrodi. — Litografia nacional, Pôrto — Esc. 85\$0.

Nunca é demais encarecer o alto valor desta publicação. Vergonha nacional será se ela não alcançar tiragens que, não só deem aos seus editores ânimo para outros cometimentos, como recompensem largamente os iniciadores e autores e, ainda mais, garantam que ela chega a todas as mãos, cumprindo à larga a sua missão divulgadora. A excelência do texto, a bela apresentação gráfica, o senso com que está dirigida, a preciosa documentação de Alvão,

artista fotógrafo, o seu preço quasi ridiculo em face do valor, tudo se nos afigura factores de amplo successo.

E assim seja, para bem de todos e honra do convento porque lá fora melhor se não faz correntemente. O volume agora saído, o 4.º, refere-se ao mosteiro de Alcobaca, e é seu autor o illustre architecto Korrodi, que este monumento tem estudado muito particularmente e com a maior competência. — J. S. F.

SOROR AMOR (teatro) — por SALEMA VAZ. — Lisboa, 1929.

Salema Vaz, um poeta que firmou nome, solidamente, por seu verdadeiro mérito, tenta o teatro e fá-lo, corajosamente, abordando um episódio histórico-romântico que já tentou dois consagrados. A figura de Soror Mariana, a freira de Beja, foi o motivo para o pequeno episódio de Salema Vaz. Mas, ao contrário do que fizeram seus predecessores, o poeta respeitou, rigorosamente, a verdade histórica, mais, aproveitou como texto, algumas passagens, célebre justamente, das famosas cartas da amada de Chamilly. Possivelmente, o episódio carceraria de interesse scénico e enferma de alguns defeitos técnicos, mas está repassado de sinceridade e emoção poética que o tornam digno de leitura e estima. — J. S. F.

SACDADE MINHA — versos por GUILHERME DE FARIA. — Lisboa.

Morto na flor da idade, quando havia a esperar tanta coisa bela do seu talento e da sua inspiração, Guilherme de Faria foi um dos nossos mais extraordinários poetas líricos. Não envolve exagêro esta afirmativa. É neste livro de poesias escolhidas, publicado por mãos piedosas, após a morte do poeta, que essa verdade incontestável resalta mais nitidamente, com mais luminosidade. Guilherme de Faria foi, talvez, o mais inspirado e veemente dos líricos da nossa época e, deambulando pelas idades passadas da nossa poesia, raro se encontrará quem se lhe avanteje em doce emoção, em humana ternura, em arrebatamento passional. Pobre alma de Guilherme de Faria, tão grande na sua ânsia sublime de perfeição, de perfume, de vida e de amor, como ela perpassa nos seus versos formosíssimos que se não lêem de olhos enxutos!... Guilherme de Faria, um dos maiores poetas da nossa terra, «Saúde minha», um livro dos mais belos que os prêlos gementes têm dado à luz, um livro definitivo em qualquer parte, definindo e marcando o lugar dum poeta que a celebridade aureolaria se a morte, cinicamente, se não houvesse interposto. Um nome que esqueceu ao professor Battelli na sua «Antologia» e ali devia figurar em lugar de honra. Mas... nem sempre o talento e o exhibitionismo cabotino coincidem, e Guilherme de Faria era tão simples, tão bom, tão poeta... — J. S. F.



Guilherme de Faria

MUSEU DO
PRADO
MADRID



ALONSO CANO
Cristo morto

CLEMENCEAU



A casa de Clemenceau em St. Vincent du Gard (Vendeia)

No momento em que o telégrafo nos trouxe a notícia de que tinha morrido Georges Clemenceau, o célebre «Tigre», o homem cuja energia de ferro salvou a França quando os alemães chegaram às portas de Paris, quando chegou até nós a nova de que se apagara a luz já bruxoante que era a vida do homem que impôs o tratado de Versalhes, estava em composição a entrevista que se segue, dada pelo eminente político a um redactor da Anglo-American News-Paper, a grande agência universal de reportagens que trabalha em todo o mundo para a Ilustração. Arquivamos, portanto, as últimas palavras que, para o público, disse o grande Georges Clemenceau, o humilde filho da Vendeia que derrubou os orgulhosos Hohenzollern e mudou a face da Europa. Através das suas declarações desenha-se com a nitidez soberba duma água forte, a figura hercúlea e genial do titão da vontade que assombrou o mundo.

Fiquem estas palavras como nossa cota parte para o in memoriam deste homem de génio. — N. DA R.

...E é com furor que Georges Clemenceau exclama:

— Um Parlamento da Paz não pode trazer mudança nenhuma: as ligas internacionais não apagam as rivalidades entre as nações!

Clemenceau exhibe uma espécie de barrete frígio, com o qual é de uso representá-lo. A personagem histórica que ditou as condições do Tratado de Versalhes e soube resolver as reticências tanto de Lloyd George como do Presidente Wilson, usa o dito barrete frígio com uma facécie que lhe vai a matar. Georges Clemenceau é de estatura pouco elevada, e apesar da feroz energia que deixa transparecer, não tem as aparências dum tigre: à primeira vista, as suas maneiras afáveis fá-lo-hiam tomar por um Puck que tivesse cem anos. Contudo nos seus momentos de maior seriedade e quando o barrete está em posição de batalha, Georges Clemenceau tem os traços fisionómicos do Rei Lear.

— Qual é a opinião de V. Ex.^a acerca da

situação geral do mundo e, particularmente, da França?

Nos seus olhos parecem brilhar dois fogos-fátuos.

— A situação permanecerá satisfatória enquanto subsistir o actual equilíbrio das potências na Europa. Desde que esse equilíbrio se perca em virtude de qualquer assomo de imperialismo, teremos outra guerra.

— Não lhe parece que um dia seja possível à diplomacia e à filosofia o abolirem a guerra?

— Não!

— Qual seria, segundo V. Ex.^a, a suprema lição a tirar da guerra por parte da França e da Humanidade?

— A História repete-se: acho que era uma coisa que todos deveriam impedir era que a História se repetisse. A Paz não é assegurada senão por meio de formidáveis batalhas! A Paz é uma criação do mais forte. Os nossos homens de Estado dispendendo uma grande soma de palavrado, obtiveram a admissão da Alemanha na Sociedade das Nações. Os compromissos que ela aí tomou têm tanto valor como aqueles com os quais havia garantido a neutralidade da Bélgica para a violar em seguida, abertamente, mesmo sem se dar ao trabalho de arranjar um pretexto mentiroso.

— Contudo os senhores desarmaram a Alemanha em Versalhes. A República alemã está sem defesa: uma ilha rodeada por um mar de armamentos.

Um sorriso sarcástico invadiu o rosto do Tigre.

— Se se tivesse seguido os meus conselhos — resmungo — teríamos uma paz duradoira.

Assim como a Gladstone chamavam *O Grande Velho*, a Clemenceau poder-se-lhe-hia pôr o cognome de *O patriarca sardónico*. A malícia, bem como a rudeza da sua atitude, lembram o satírico Swift que escreveu as *Viagens de Gulliver* para o lar e para a Universidade. Swift deveria desprezar muito mais do que Clemenceau a raça humana.

O Tigre julga do seu dever explicar o seu afastamento de todo o contacto humano. A sua franqueza irrita e agrada ao mesmo tempo.

— Não gosto de ninguém nem tão pouco

O GRANDE POLÍTICO FRANCÊS, SALVADOR DA SUA PÁTRIA, DIZ À «ILUSTRAÇÃO» DIAS ANTES DE SER ACOMETIDO PELA DOENÇA QUE O VITIMOU:

A INUTILIDADE DA S. DAS N. E DE TODOS OS PARLAMENTOS DA PAZ — UMA DEFESA DA ALEMANHA CULTA — O IDEALISMO DE WILSON E O OPORTUNISMO DE LLOYD GEORGE — ONDE ESTÁ A FELICIDADE? — O PROLONGAMENTO DA VIDA HUMANA — FREUD E A PSICANÁLISE

tenho ódio a ninguém. Não tenho rancor à Humanidade e, palavra...

A sua voz vibra de sarcasmo.

— ...também lhe não desejo nada de bom. Vivo completamente retirado. Na minha idade tem-se o direito de fazer aquilo que nos apetece. A minha estada em Paris vai terminar: vou voltar para a Vendeia aonde vivo feliz.

— Sente-se feliz por não ter nada que fazer?

— Feliz? E a felicidade o que vem a ser? Dão-me prazer as coisas simples. Sinto-me contente por viver e por, ao mesmo tempo, a vida não dar por mim.

A entrevista marcha famosamente. Tiro da algibeira um questionário que antes havia preparado com vista à minha luta com o Tigre. Este consente em percorrer com o olhar as perguntas.

— Gostaria muito de responder às suas perguntas, não pelo senhor mas por mim próprio. Seria isso um agradável exercício mental. Mas os princípios são os princípios, como sabe. Deve-se respeitar sempre qualquer coisa e na vida só os princípios é que contam. Não posso, portanto, responder às suas perguntas.

Faço ainda uma tentativa para o fazer mudar de parecer:

— Não é uma entrevista vulgar que eu desejo. O jornalismo convencional não me diz nada: não sou jornalista: sou poeta.

Clemenceau levanta-se e inclina-se com a grave dignidade dum velho côrvo:

— Os meus parabéns! Cá por mim sou um homem positivo, não sou um poeta.

Mais uma vez se rompia o gelo.

— Nêsse caso, quer ter a bondade de pôr uma dedicatória nêstes seus livros?

E tiro da minha malêta os dois volumes da obra *Au Soir de la Vie*, que lhe passo para as mãos.

— Com todo o gôsto!

E um pouco mais adocão de tom, começou a escrever uma dedicatória com uma mão que deixava traír a idade. Servia-se duma pena de pato.

Puz-me a olhar em redor: estava evidentemente no seu gabinete de trabalho. Nas paredes, reproduções de scenas gregas, uma

ou duas estátuas e livros, livros, muitos livros em tôdas as línguas: grande parte em inglês. Clemenceau conhece às mil maravilhas a língua inglesa, embora a fale com a acentuação dos latinos.

— Tinha começado a ler o seu livro quando lhe escrevi. Mas é difícil de compreender: o meu francês é muito limitado.

— Em todo o caso — replica Clemenceau — nunca me servi das imensas palavras dos filósofos alemães.

Começou a ler o meu nome e, de repente: — O senhor é alemão?

Olá! — disse cá para comigo — agora é que o Tigre vai dar o salto sobre a presa.

— Nada, não senhor: sou americano de ascendência alemã. Nasci em Munich: meu pai era de São Francisco e minha mãe de Berlim.

Clemenceau ergueu o olhar:

— Os alemães são um grande povo. Admiro as suas obras de arte, a sua literatura, a sua organização. Seria injusto dizer mal disso tudo. Sim: é um grande povo. Mas não posso esquecer a Bélgica...

Faço frente à fera, explicando a atitude da Alemanha. E, até hoje, ninguém falou a Clemenceau com tamanha franqueza...

— Os alemães pretendem que a Bélgica havia violado a neutralidade antes da guerra. E estavam convencidos de que a França e a Inglaterra seriam as primeiras a caminhar através da Bélgica se a Alemanha o não fizesse.

— Mas nêsse caso para que assinaram um Tratado? O próprio Bethmann-Hollweg é o primeiro a admitir que a Alemanha praticou uma má acção.

— E quando a existência duma nação está em jôgo — acrescente — mais importa a segurança do que os Tratados.

— Ah — diz Clemenceau, voltando-se bruscamente. — Eu cá por mim também não acredito nada em Tratados... Mas para que diabo os fazem?

— O Kaiser foi o primeiro a dizer-me que o discurso de Bethmann-Hollweg, desculpando a invasão da Bélgica, fôra pronunciado sem sua autorização. O chanceler deixara-se levar pelo seu desejo de agradar aos liberais. Bethmann-Hollweg deveria ter insistido sobre o facto de a Bélgica ter provocado a invasão juntando-se ao círculo de ferro forjado pelo Rei Eduardo para conter os alemães.

— Conhece o Kaiser?

— Sim: fui seu hóspede várias vezes.

— Não posso perdoar ao Kaiser! — exclama Georges Clemenceau.

— V. Ex.^a quer dizer com isso que o considera responsável pela guerra?

— Não é isso que eu queria dizer. O que eu lhe não perdoo é a sua fuga. O Kaiser não deveria ter fugido.

— O Kaiser — repliquei — explicou-me em termos precisos a sua decisão de 11 de Novembro de 1918. Fizera êste raciocínio: «Se fico, por mais tempo, continuará a guerra no front: no país não deixarão de rebentar lutas intestinas. Se eu partir, concluir-se há uma paz honrosa, baseada nos 14 pontos de Wilson e haverá paz no interior». Sacrificou-se, pois, para salvar o seu povo.

— Tudo isso poderá parecer muito plausível. Em todo o caso não acredite que o Kaiser o haja feito. Guilherme II é muito pomposo. Tôda a gente o odiava. Não tinha um só amigo na Europa.

— A culpa era do tio, o Rei Eduardo!

— Mas nêsse caso — pergunta bruscamente Clemenceau, assestando contra mim, como uma metralhadora, a sua pergunta — porque diabo é que êle sobreviveu ao seu império? É porque vive ainda?

— Napoleão não se suicidou! O suicídio foi sempre uma cobardia e nêste caso teria sido uma confissão. O Kaiser continua a viver para combater a lenda da culpabilidade da Alemanha.

— Pelo que respeita a culpas da guerra retorquiu Clemenceau com sarcasmos — todos nós sabemos a quem elas cabem. Sei muito bem quem foi que começou a guerra, se a alguém é possível saber isso!

Houve um grande silêncio...

— Sr. Clemenceau — arrojé-me a perguntar — é verdade ter o senhor dito, por ocasião do Tratado de Versailles, haver no mundo vinte milhões a mais de alemães?

— Nunca disse semelhante coisa!

— Nem mesmo como *boutade*?

— Não senhor. Já sou bastante velho para só dizer a verdade: é um dos privilégios da idade. Nada daquilo que eu disser poderá jamais fazer mal a ninguém.

— É que semelhantes afirmações foram reeditadas quando as crianças alemãs morriam, como tordos, em consequência do bloqueio mantido um ano ainda depois do armistício.

Clemenceau teve um ligeiro sorriso.

Pregunto-lhe por fim:

— Qual lhe parece mais perigoso: o vago idealismo de homens como Woodrow Wilson ou o oportunismo de outros como Lloyd George?

— Tudo depende do homem. Um idealismo nebuloso expresso por um génio positivo vale mais do que um oportunismo positivo servido pelo temperamento dum Hamlet. Devem ser estudadas as circunstâncias em que cada um se acha colocado antes de decidir seja o que fôr. Abundam na História as personagens que tentaram desempenhar um papel que não convinha ao seu temperamento. Há para tôdas as coisas o seu tempo. Há, pois, tempo, tanto para o nebuloso como para o positivo.

— É verdade ter V. Ex.^a dito que mau seria fazer a paz entre um homem que se julga um Napoleão e outro que se julga um Messias?

— Disse, sim senhor — responde Clemenceau, muito divertido.

— É igualmente verdade ter V. Ex.^a dito que Wilson lhe queria impôr 14 mandamentos, ao passo que o Bom Deus não tinha mandado cumprir mais que dez?

Clemenceau sorriu, cada vez mais divertido. É evidente agradarem-lhe os bons ditos que tem proferido. Não se envergonha de os saborear e naquele momento Puck tinha repellido o Tigre... Súbitamente, porém, voltou ao assunto Alemanha:

— Nunca proferi as palavras que a propósito do Tratado de Versailles me atribuíram acerca dos alemães. Por outro lado, a literatura alemã exerceu uma grande influência sobre mim. Até traduzi o *Fausto*, de Goethe.

— Em verso?

— Sim senhor.

— E publicou essa tradução?

— Não: eu não pretendo ser poeta. Sou um materialista.

— Quando traduziu o *Fausto*?

— Era eu ainda muito moço e estava na América com uma senhora de idade que me ensinava o alemão. Hoje já não poderia fazer essa tradução. Esqueci todos os conhecimentos que tinha na língua germânica.

— Não os esqueceu, contudo, em Versailles...

Clemenceau não responde.

— Não lhe parece que o *Fausto* de Goethe é um dos mais belos poemas até hoje escritos?

— Um dos mais belos, sim senhor.

— E, na sua opinião, qual o maior poeta do mundo até hoje?

— Shakespeare. Fosse esmaga-me. Domina tudo como uma torre altaneira. Mas admiro, é claro, João Wolfgang von Goethe.



A última saída de Clemenceau — A inauguração dum certame pecuário na Vendeia



Um dos últimos retratos do «Tigre»

E inclinou-se.

— Shakespeare — continua o sr. Clemenceau — era não só um grande poeta mas também uma grande personalidade. Abrangia o mundo inteiro.

— É pena — replico — que tão pouco saibamos da sua vida.

— Que diz?

— É que tudo quanto lhe diz respeito está envolvido em mistério. Não conhecemos a identidade da *Mama morena*, nem tão pouco do mancoço loiro a que se referem os sonetos. Tão pouco sabemos qualquer coisa a respeito dos seus amores.

— E para que nos havemos de preocupar com isso? — responde Clemenceau com seu sorriso deliciosamente gaulês. — Não nos chegam os nossos? É a obra que importa, não o homem — acrescenta com um tom de seriedade.

Aos oitenta e nove anos Clemenceau ocupa-se de filosofia. Diz-se ter reflectido muito à cerca da vida e da morte.

— Pode V. Ex.^a — pergunto — resumir numa frase o que afirma ser a maior felicidade?

— A verdadeira felicidade — chasqueia Clemenceau — está em que nos não incomodem.

— Mas qual deverá ser para o homem o supremo objectivo?

— Ser filósofo.

Clemenceau alinha presentemente entre os filósofos. Domina a toda a altura o pensamento francês. É a encarnação da filosofia no seu scepticismo absoluto, o que claramente transparece da sua fisionomia... A luz que entra pelas janelas alumia-lhe os olhos ardentes, faiscantes, curiosos, velados por trás dumas lunetas que o possuidor tira a cada momento para olhar bem de frente, cara a cara aqueles cujas perguntas lhe despertam a atenção.

Peguem num busto de Sócrates, tirem-lhe a barba, substituam o cabelo por um barrete e terão Clemenceau. A sua filosofia, como a de Sócrates, é a confissão de que ele não sabe nada, ou antes nada quer saber, ao passo que tantos julgam saber alguma coisa.

As mãos ferram-se-lhe na secretária quando se inclina para diante. Talvez que receie perder uma frase. O rosto gasto denota a observação atenta, senão a suspeita. Pescoço firme e musculado. Orelhas proeminentes. Dois tufos como sobranceiras, mas bem arqueados. Os lábios desenham ângulos constantemente, agitam-se, franzem-se, abrem-se como se Clemenceau se preparasse para fazer sensação. Mas prefere calar-se.

O nariz está de harmonia com a rudeza do aspecto geral: é uma espécie de clarim que o possuidor parece querer vibrar a cada instante, mas que, maquinaalmente, assoa a um simples lenço... Queixo firme, bem desenhado, com tendência a levantar-se quando Clemenceau fala, em voz firme e vibrante. Era com essa voz que outrora derrubava ministérios, a voz que esmagava toda e qualquer resistência sob o fogo dos epigramas.

E accentua o seu verbo, de tempos a tempos, com as mãos, magras compridas e ossudas, mãos que fecham e entreabrem, pondo a descoberto dedos finos e delgados.

Os seus movimentos são vivos; a cortezia, irónica, é encantadora. A sua vivacidade é tal que não resisto à tentação de perguntar:

— Como é que V. Ex.^a se arranja para ter tanta mocidade aos 89 anos? Interessam-lhe as experiências de Steinach e do Voronoff para o prolongamento da vida humana?

Clemenceau resmunga qualquer coisa de indistinto... Talvez a minha pergunta houvesse sido indiscreta... Não se disse já que, acidentalmente, se sujeitara em tempos à operação recomendada há anos por Steinach, o que explicaria a sua extraordinária vitalidade?

Mas o Tigre é demasiado esperto para se deixar apanhar. Não fala senão quando quer. Conhece muito bem o valor do silêncio. E foi o silêncio que prevaleceu...

— Não acha a vida demasiado pequena para que valha a pena ser vivida?

— Parece-lhe que a sciência moderna chegue um dia a prolongar a vida humana dum modo apreciável?

— Sim senhor.

— E a que atribui V. Ex.^a a sua extraordinária mocidade?

— Escrevo, leio, faço exercício, e emprego a moderação. É o segredo da juventude. A moderação, o exercício, o trabalho, eis os meus companheiros de cada dia. Duma vez descobri que tinha cinqüenta anos. Foi uma revelação. Resolvi, a partir desse dia, fazer exercício com regularidade. Nunca me afastei dessa regra. E é ela que me conserva a saúde.

— Pensa, como Bernard Shaw, que o homem, eventualmente, poderá viver trezentos anos.

— Trata-se duma profecia, respeitante ao futuro da Humanidade, e a esse respeito todas as previsões podem ser falseadas por qualquer elemento imprevisível. Desde que esse elemento não entre em jôgo e derrube os factores, pode-se admitir a hipótese duma época em que a vida humana será muito prolongada, mais do que se julga possível hoje em dia.

— E parece-lhe que a vida nos poderá ensinar mais em trezentos anos do que em oitenta?

— Isso depende da intelligência do individuo. Há pessoas que não aprenderiam nada em mil anos.

— Acredita na evolução do super-homem, ou pensa que a Humanidade será um dia suplantada por qualquer outra espécie, formigas, animais marinhos, etc.?

— O homem não se deixará suplantado por um ser inferior a ele. E nada ha de mortal que lhe seja superior. Deverá pois presu-

mir-se que a forma mais elevada da vida sobre o nosso planeta será sempre a dos seres humanos, e como estes parecem dotados da facultade de progredir, segue-se daí que a nossa raça deverá desenvolver-se indefinidamente a não ser que uma catástrofe de proporções cósmicas destrua o mundo em que vivemos. O homem ultrapassará a sua fase actual de evolução. Se nos compararmos por exemplo com os homens primitivos, chasqueia Clemenceau, não acha que o ser humano dos nossos dias é... um Super-Homem?

— Como psicólogo e filósofo, qual é a sua attitude, sr. Clemenceau, a respeito da psicanálise?

Clemenceau olha-me admirado: evidentemente não compreendeu nada.

— Que pensa de Freud — pergunto. Bem se vê, não lhe sugera coisa alguma este nome.

— Sim, Freud — volto a perguntar distintamente.

— Quem é esse individuo? — rugue Clemenceau. Escreveu acaso algum livro?

Não insisto mas no decorrer da conversa, Clemenceau diz-me que, a seu parecer, Platão foi o maior dos filósofos; Júlio César o maior homem de Estado e Napoleão o maior dos cabos de guerra. Quanto ao seu autor favorito...

— O meu autor favorito de hoje pode muito bem não o ser amanhã.

Clemenceau é muito caprichoso nos seus gostos: gosta que o divertam e escreve para se divertir. Homem de estudo por temperamento, o destino fez dele um homem de acção, embora elle tivesse preferido a solidão do seu gabinete de trabalho à chefia dum ministério. As suas maneiras são condescendentes; tem sempre o ar de quem sorri ou vai franzir as sobranceiras perante inferiores intellectuais. Teve sempre a coragem das suas opiniões e nunca hesitou em as lançar à face de quem lhe mostrava os dentes.

Passei uma hora com o «Tigre» no seu covil. Sabe elle, por acaso, que me deu mais do que uma entrevista? Abriu-me o coração, ou esteve a brincar comigo como o gato com o rato?

(Anglo-American N. S. Copyright).



Clemenceau, dias antes de cair à cama, com o seu célebre barrete frigio

DINHEIRO ASSASSINO

A grande epidemia da varíola que há pouco grassou em Londres infestando um dos bairros da grande capital deu aso a estudos muito sérios levados a bom termo nos laboratórios da Direcção de Saúde e tendentes à descoberta do veículo mais comum e mais provável da propagação do mal.

Ao contrário do que sucedia no tempo dos trajes de cauda, em que as «balayuses» dos vestidos eram a primeira parte suspeita de levar a exame desta vez os sábios deixaram em paz as «toilettes» das senhoras e voltaram para a nota do Banco, o papel-moeda, as suas atenções conspícuas.

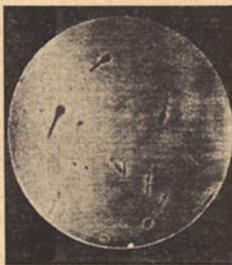
Depois dos exames rigorosos dos laboratórios ingleses a nota conquistou definitivamente o seu título de agente de morte acartando sobre a sua personalidade ricaça a responsabilidade de ser o agente mais laborioso de todos os contágios e o escrínio pouco limpo de todos os germes mortíferos que destroem a pobre humanidade. Certas coincidências e certos indícios puseram a Junta de Saúde londrina na pista do veículo do mal e seguindo para trás o rasto da propagação epidémica chegou-se à conclusão de que a varíola de má espécie que vinha grassando fóra importada. Viera de fora, escondida traiçoeiramente num maço de notas remetido a um comerciante do bairro agora infestado.

As mãos dos chefes de saúde foram parar algumas notas das que compunham a soma enviada e os laboratórios começaram o seu trabalho árduo de pesquisa.

Com todas essas cautelas científicas e todos os processos de dedução em que a ciência inglesa é mestra e imediatamente depois de se ter chegado a primeira conclusão, isto é, que tinha sido, de facto, um maço de notas de proveniência averiguada o factor principal e o veículo da propagação da epidemia foi sobre uma dessas notas que incidiu a pesquisa dos bacteriologistas.

Bem concludentes foram os resultados desse estudo porque logo aos primeiros exames se verificou que a malfadada nota de cinco libras não só era portadora dos bacilos da varíola como também o era de outros mais terríveis ainda e de muito maior virulência. Esse nefasto papel trazia consigo além da varíola, os germes da tuberculose e do tétano!

Sujeita a nota a uma lavagem demorada e minuciosa em água destilada rigorosamente esterilizada foi recolhido o líquido sujo para, por meio da centrifugação, se lhe colher o sedimento, sendo



Bacilos do tétano no líquido de lavagem



Germes nocivos contidos num milimetro quadrado da preparação

pecies e observar cuidadosamente. A observação dessas provas fotográficas do campo microscópico não é de molde a deixar-nos tranqüilos em frente duma nota, tanto mais se nos lembramos do estado miserável em que se encontra muito do nosso papel circulante a não ser que, como na estalagem de Salamanca, os animalejos se comam reciprocamente.

O que porém está provado é que a nota inglesa trasia consigo o bastante para inquinhar e contaminar não só um bairro de Londres como uma cidade inteira.

Em uma simples gota do caldo de cultura havia matéria prima para povoar várias secções dum grande hospital.

Germes mórbidos de toda a espécie. Microorganismos indeterminados e espécies conhecidas e terríveis, tinham vindo até ali, ao campo da objectiva, trazidas por essa nota, por esse dinheiro tão apetecido de toda a gente.

A morte invisível espreitava-o lentamente, sob a forma em V dos bacilos de Koch, pronta a infiltrar-se subrepticamente num pulmão ulcerado e uma vez instalada ir cômoda e cobardemente levando a cabo a sua obra destruidora, ou mais terrível e mais rápida, matando pela contracção irresistível e avassaladora de to-



O fragmento da nota sujeito à observação

los os músculos o infeliz que, talvez contente pela quantia recebida, apertasse de mais nos dedos, esfregamente, o papel fatal e colhesse em qualquer arranhadura mínima da pele um dos terríveis germens do tétano.

Não sabemos como de futuro evitarão os sábios, estes contágios pelo papel-moeda. Aos pobres sabemos nós que o próprio destino se encarrega de os livrar misericordiosamente desses contactos perigosos. Mas aos outros? Haverá terror da morte suficientemente terrífico que encolha a mão dum comerciante em frente do papelinho pintalgado que lhe trás o sêgrêdo do triunfo e a comodidade da vida, o alheamento dos cuidados?

Com franquesa, descremos. E o mais triste é que um debil raciocínio de aprendiz de bacteriologista nos diz que os muito ricos serão os menos arriscados ao contágio fatal. Uma nota de conto, como pessoa grave, caminha muito mais devagar, conhece muito menos portadores do que a sua plebea congênera de vinte e cinco tostões.

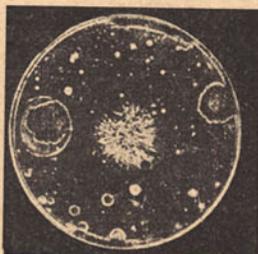
Ainda neste caso, ai dos pobres! Se menos vezes apertam nos dedos magros uma nota, ficam bem compensados em risco

porque essa nota é sempre um farrapo miserável e apressado, um farrapo nómada que vai de mão em mão sendo passada, poluída e contaminada por todas as mãos de miséria e todos os bolsos sórdidos por onde peregrina.

E mais triste ainda é não conhecermos espécies de mi-



Bacilos da tuberculose observados numa gota de água onde foi lavada a nota



Vários germens mórbidos e entre eles o da varíola encontrados na água de lavagem

cróbios tão benéficas que em um ou outro caso, mais raro que fôsse, trouxessem ao feliz contaminado a alegria de viver, a fartura, a fortuna ou, pelo menos, a paciência obrigatória, a paciência-tóxica que seria o mais belo antídoto para todos aqueles males aborrecidos com que a vida nos brinda todos os dias.

Do meu lado esquerdo alguém que está seguindo a feitura desta notícia segreda-me que esse microbio existe. Eu, descrente, interrogo, e a resposta convece-me, embora não seja para ninguém absolutamente consoladora.

Esse alguém que é um forte espírito cristão assegura-me que nessa mesma nota que serve de assunto a estas linhas estão fortemente representados os tais bacillus redentores.

Por falta de cristianismo, não atinjo de pronto a finura metafísica da resposta. O meu amigo explica então a mecânica do seu raciocínio.

Diz o meu amigo que é uma errada concepção de liberdade que nos faz maldizer alguns flagelos ou antes pretensos flagelos da humanidade; uma nota inquinada é um grande símbolo da mais difícil redenção...

O dinheiro é mais virulento do que o microbio. Assim talvez se equilibrem, talvez se anulem os dois virus para cederem lugar a uma nova força ou antes à resultante dessas duas forças.

O mesmo bacilo da tuberculose e o do tétano são os libertadores da alma escrava. A obra de ambos sendo a obra de morte é uma obra de liberdade por isso ao Criador foi desnecessário criar os outros... E ainda no mais cristão e resignado de todos os paradoxos o meu amigo acrescenta:

— Se o criador criasse ou os homens inventassem o microbio da longa vida, asseguro-te que seria esse o mais combatido. Os homens no dia em que estivessem certos de não poderem morrer faziam como Calino — suicidavam-se.

Concordei e dei por acabado o artigo formulando no íntimo do seu espírito um pequenino voto bastante sincero e muito ardente:

Senhor, dai-me muitas vezes, o risco da tuberculose ou do tétano sob as espécies duma nota de cinco libras — *Five pounds*... Deus super omnia.

CASTELO DE MORAIS.

O MAESTRO RUI COELHO

Rui Coelho é um combativo. Cremos que, mesmo num meio favorável à eclosão e desenvolvimento da sua arte, Rui Coelho seria sempre um combativo.

Até que ponto a sua combatividade e a resistência passiva, dum ambiente hostil a qualquer tentativa levantada e nobre, terá influído na sua obra?

Eis uma pergunta a que seria difícil responder.

Contudo Rui Coelho nega a nossa falta de organização, de estímulo e de ambiente.

— Nada nos falta!

As suas palavras são nítidas, claras, afirmativas:

— A música portuguesa existe! E existe com tanta intensidade que sobrevive no povo desde séculos à indiferença de pseudo-músicos e pseudo-críticos que a negam...

— ...parece-nos que ainda ninguém disse não existir no povo português uma profunda e viva emoção musical, revelada em formas primitivas mas cheias de beleza...

— A música portuguesa nacionalista existe já nas suas formas eruditas e há-de sobreviver aos imbecis e renegados que teimam em a não ver! Aqueles que a negam

FAZ Á “ILUSTRAÇÃO,” AFIRMAÇÕES SENSACIONAES

também começaram por não existir, e no entanto... continuam a não existir, concluiu o talentoso compositor da Belkis visivelmente satisfeito pelo recorte que dera à sua frase.

É a uma nova observação nossa, responder-nos:

— A criação duma arte musical verdadeiramente portuguesa foi, até certo ponto, prejudicada por uma cultura musical feita por portugueses traduzidos em alemão, francês ou italiano... Esse inconveniente, porém, desapareceu no dia em que, alguns de nós, nos dispusemos a amar acima de tudo as

coisas da nossa terra. E os derrotistas traduzidos em estrangeiro, ou estrangeiros traduzidos em português, estão hoje suficientemente conhecidos e têm de começar a convencer-se de que o oceano musical que são a nossa alma, a nossa paisagem e a nossa história, subverterá na sua maré cheia os pequenos pantanos, abafando duma vez para sempre nos cantos dos peitos lusitanos o triste coaxar das rãs!

— Pois não acha que é simplesmente ridículo que sejam os portugueses a negar-nos as qualidades que lá fora nos reconhecem há muito?

«Se Portugal é belo e grande visto de fora, habituemo-nos nós a olhá-lo em todo o seu esplendor mesmo cá de dentro...

— A música nacionalista que o maestro afirma existir tão impetuosa e bela, ter-se-hia já definido em formas eruditas nos séculos XVIII e XIX, ou só agora principia?

— Nos séculos XVIII e XIX a música, entre nós, seguia as correntes do tempo, sem ir beber às fontes populares, nem a preocupação nacionalista que só agora começa.

Pedimos a Rui Coelho que nos citasse alguns nomes de compositores portugueses



Rui Coelho

no seu gabinete



Rui Coelho pousando para Ilustração

dos dois últimos séculos, fazendo-lhes os comentários que entendesse justos, mas Rui Coelho escusou-se, justificando a sua recusa:

— Entre nós confunde-se música portuguesa com musicos portugueses e está bem longe de mim a ideia de deslustrar nomes na verdade ilustres: não quero dar uma falsa impressão de pouco apreço pelo seu valor musical.

— Não quiere dizer-nos a sua opinião, neste caso excepcionalmente valiosa, acêrca da ópera portuguesa?

— Porque não? Com o maior prazer.

«Referindo-me à *blague* (pois só como *blague* se pode admitir...) da não existência da ópera portuguesa, deixe-me dizer-lhe que de começo o próprio Portugal não existia... Pois no caso musical é muitíssimo mais simples: Não é preciso fazer sangue nem conquistar terreno aos infieis... porque os infieis já se não vêem. Há muito tempo que os seus castelos foram tomados. Como sabe, ópera portuguesa tem sido cantada em Portugal inúmeras vezes. Os teatros de S. Carlos, Coliseu, Trindade, S. João, do Pôrto, S. Luís, e até alguns teatros da província encheram-se para a ouvir. Até hoje, dessas grandes batalhas entre fieis e infieis, ao credo nacional nunca faltaram adeptos, e as vitórias cantam-se pelo número das batalhas.

«No teatro da Trindade, por iniciativa do empresário Taveira e do saudável maestro Filgueiras, já se fez uma época de ópera brilhante, cantando-se em português, e melhor, cantando-se também ópera portuguesa. A «Serrana», de Keil, manteve-se muitas noites no cartaz com um êxito compensador.

E depois disso outros têm montado as suas óperas: José Cordeiro, Manuel Ribeiro, António Eduardo da Costa Ferreira, Luís Filgueiras, mostraram que, mesmo sem o auxílio do Estado, muito se pode fazer.

«O trabalho que até agora realizámos, não o fazemos propriamente para nós. Outros acharão o caminho mais fácil de trilhar do que nós o encontramos. Quem nos diz que não andam já por aí os criadores de óperas que um dia serão célebres?

«Se temos maestros, cantores, bailarinos, scenógrafos, e um magnífico teatro de ópera, o que nos falta?! Porque se obstinam em dizer que a ópera portuguesa é apenas uma aspiração?

«Há apenas meia dúzia de anos que o Brasil carecia de todos os elementos indispensáveis ao teatro de ópera, e agora tem teatros com grandes subsídios do Estado, compositores conhecidos na Europa, e artistas de valor.

«Cito-lhe o exemplo ainda mais notável e frizante da Checo-Slováquia: — Ainda sob o jugo estrangeiro, já Smetana e Dvorak estavam compondo as suas grandes óperas nacionais que, desde a independência deste país, são recebidas com as grandes honras que merecem.

— Crê o Rui Coelho que entre nós possa dar-se alguma coisa semelhante?

— Não há nenhuma razão para que tal não aconteça. Estes movimentos são sempre feitos por uma ou duas figuras, seguidas por outras que naturalmente surgem, por assim dizer, como uma consequência das condições já criadas...

— E teremos nós as figuras capazes duma tal empresa?

Rui Coelho sorri.

— Talvez... De resto, eu tenho uma grande esperança e uma infinita confiança nos novos, porque nos novos é que é preciso confiar: Se Lima Fragoso não tem morrido teria feito coisas extraordinárias; e, assim mesmo, perpetuou o seu nome neste país.

«Na minha geração há duas figuras que talvez dêem que falar!...

— Teríamos o maior prazer em fixar o seu nome nesta entrevista que fazemos com o maestro...

— Não quero antecipar-me: elas se revelarão no momento oportuno.

— Se na poesia somos dos maiores povos do mundo, porque o não seremos também na música, que é a sua irmã gémea?

— Lembre-se o Américo Durão que na Rússia cinco homens fizeram em poucos anos todo o renascimento musical do seu país. Na alma do povo encontraram eles a matéria prima de que necessitavam, e essa matéria prima também nos não falta!

— Porque não havemos, pois, de lançar ombros a uma obra semelhante?

— O que em Portugal é necessário é que o Governo proporcione aos nossos artistas a mesma força que os governos russos deram ao grupo dos cinco.

Rui Coelho recusara-se a dizer-nos o que pensava dos músicos dos séculos XVIII e XIX. Seria interessante saber o que êle pensava dos nossos artistas mais representativos.

— Nenhuma dúvida tenho em comunicar-lhe o que penso... Sobre Francisco de Lacerda já tive ocasião de dizer que o distinto maestro formou o seu espírito e conquistou o seu nome lá fora, sendo para lamentar que o seu afastamento tão demorado do nosso país nos roubasse a sua actividade musical. A sua obra realizada até hoje é insuficiente para o apreciarmos como compositor, mas visto encontrar-se agora entre nós é com simpatia que aguardamos a sua contribuição para este sonho em que todos andamos empenhados.

«Quanto a Viana da Mota, por muito grande que seja o teclado do seu piano não nos convencerá. E perante a nossa estranheza, concluiu: — Quem puder que veja através desse teclado o que êle impede a eclosão deste desejado renascimento musical...

«Quero ainda falar-lhe em Frederico de Freitas que, como sabe, é um novo... Tenho grandes esperanças nesse camarada. Ou eu me engano muito, ou irá longe: possui talento criador e sabe do seu officio.

«Wenceslau Pinto, Fernandes Fão, Teófilo Sagner, Luís Costa, se quisessem trabalhar mais afincadamente podiam dar-nos coisas de valor, assim como Fernandes Lopes e João de Figueiredo, a quem também não falta talento.

«Como vê, sou optimista...

Uma última pergunta:

— É verdade ter sido convidado para indicar aquelas das suas músicas que deveriam figurar na nossa representação musical na Exposição de Sevilha?

— Não senhor!

AMÉRICO DURÃO.

INDIA MILENARIA

PATALIPUTRA

A CIDADE DOS TEMPOS DE CHANDRAGUPTA

Da pátria do símbolo e das subtilezas racionais do panteísmo metafísico, vai tombando sobre o mundo uma aurora lívida e alma de paz. A pupila mortífera do deus Siva, senhor absoluto do caos, inscreve na noite sonora de um vigor vagneriano, uma legenda iluminada. São os versos do poeta

divino, o profeta Kabir, que fluem docemente: *«oh amigo espera na vida, porque na vida está a libertação; o homem é a expressão localizada de Deus na terra e a criação é por si só uma forma de sacrifício da parte do seu criador. Ele separou-se por momentos do seu infinito em mínimas partículas suspensas, como poeira de luz, e toda a sua alegria consiste em regressar ao seu infinito!»*

Kabir fez a corola do século xv, profetizando um futuro à inteligência do homem que na estrada larga da ilusão percorre a circunferência imanente do nada, ininterruptamente.

Este conceito filosófico da Índia demonstra o infinito algébrico e, daí, considerar apenas a verdade aparente e sensual da vida, é querer negar o princípio da unidade teológica, e imaginar um fim puramente importuno à eterna consciência religiosa do homem.

Não há muito que eu li o que M.^{me} Silvain Lévi escreveu nas suas cartas de viagens. São cartas que deliciando, argutamente pretendem erguer uma pontinha do misterioso véu indiano, mas o velho prestígio da poesia filosófica hermético e fechado, escapa pelas malhas da delicada rede para permanecer como o indecifrável sorriso da fada peregrina, que governa a fonte da água viva.

Kabir disse mais: *«não debes ir para além, para o jardim das flores, e só em ti debes procurar esse jardim. Contempla a infinita beleza do teu interior e embriaga-te.»* É este o sábio conselho do magnífico poeta, a juventude ambiciosa de hoje — «trabalhar com afinco, independência, altivez e confiança em si próprio».



Uma terra-cota que representa uma dançarina sagrada. (509 anos antes de Cristo)



Uma arte original (Hiterto). Descobrimto feito na Índia, nas escavações da antiga Pataliputra, perto de Bihar

Tagore é o educador da Índia que fez à Europa moderna uma pintura do panteísmo melancólico, e os seus cantos genesiâcos constroem no mundo o edifício da era nova. Tagore é um irmão de São Francisco de Assis, quem o poderá negar? E começou ele a modelar o corpo da virtude para a augusta effigie da sua obra monumental, mas, sendo incisivo belo e natural o seu poema tal qual o canto cristalino da fonte de uma floresta, êle exclui dêle toda a febre de nervos e todo o efêmero prazer dos sentidos e por isso chamemos-lhe o poeta menino.

Michelet, que foi consagrado pela sua Bíblia da Humanidade, escreveu: quem quiser falar ou escrever sobre a Índia, não o faça sem primeiro estudar e depois meditar durante longos anos.

Entre um rosto acobreado de uma criança indiana e um secular Bodisatwa indú,



Parte de uma grande fortificação da cidade de Pataliputra, construída há 2.200 anos

quanta afinidade natal, quanta pureza de linhas fraternas, quanto mito para interpretar não existe? E, contudo, a criança é viva e o Bodisatwa, é a imagem esculpida no granito, fria e inerte! A palidez nobre e gentil do rosto da criança indú, é um carácter apurado no cadinho dos séculos e o traço abaulado, a curva pesada da cúpula de um pagode da Índia é o símbolo mais eloquente desse carácter.

E dizem que a Índia geme sob o pêso dos grillhões, quando o seu grande espírito múltiplo e profundo domina com a intransigência de um cruel soberano absoluto! Pela arte e pela expressão do seu ambiente sagrado a Índia é, foi e será sempre o paraíso de mocidade eterna e feliz.

*
* *

Como se houvesse um rebate solene no coração da humanidade, como se das profundas criptas do ser psíquico erguesse um borbulhar de energias para obrigar-nos a contemplar o campo santo do passado, morto o mundo vive no presente as suas horas apressadas de preparação, de uma aparatosa preparação mental, com o fim de descer a escada das diversas épocas pretéritas, no sentido mais espiritual da frase.

A Índia, por um determinismo fisiológico da sua vida histórica atravessa uma das suas épocas mais espirituais e ela vibra com uma intensidade contagiosa, patenteando as glórias do seu heróico passado e ostentando as insignias heráldicas da magestade do seu pensamento de paz universal.

*
* *

Agora temos a cidade de Pataliputra, cidade de uma construção gigantesca, toda ela fabricada de madeira.

Entre as cidades prehistóricas de Sindh e Pungab e as artísticas reliquias de Pataliputra, situada perto da moderna Patna, que foi o campo de batalha, onde Shivagi venceu o formidável exército do imperador mongol, Araum-Zeb, e que foi fundada por Chandragupta, 400 anos antes de Cristo, medeia um espaço de vinte séculos.

Os plátanos de Sócrates, os castanheiros de Seleuco, para a corte de Chandragupta fez a descrição dessa cidade de madeira, como sendo uma das maravilhosas obras do seu tempo.

Archeological Departments Excavations conseguiu finalmente lançar alguma luz sobre as referências históricas de Megastenes a respeito de Pataliputra, apurando as informações e calculando aproximadamente os dados métricos da cidade soterrada. As escavações feitas para se verificar a exactidão arqueológica de Pataliputra, deram origem a vários outros estudos subsidiários sobre a velha e veneranda civilização da antiga Índia que é tão completa quanto complexa nas suas modalidades mentais e morais. Encontraram-se terracotas de diversos tamanhos, figurando o excelente cultivo artístico de uma época remota. Desbribram-se também interessantes documentos arquitectónicos relativos à cidade de madeira que explicam nitidamente a originalidade do plano de construção da gloriosa cidade.

É talvez devido à constante persistência do Archeological Departments Excavations no sentido das investigações arqueológicas no Oriente que hoje a Europa vai conhecer mais especulativamente a Índia, consagrando-a como o berço de uma humanidade venturosa que espalhou para o mundo a luz serena e doce da lâmpada acesa do seu divino saber.

O fundo literário, histórico e lendário da Índia que da preciosa colectânea dos seus livros sagrados se evola, toma corpo e esboça-se claramente na paisagem arqueológica que os sábios da Europa vão soerguendo das profundas escavações. E porque duvidar que o Grande Espírito da Índia voltará a presidir à renovação da paz do mundo, postando-se nos rosados píncaros cristalinos do Himalaia?

Lisboa. EUCARISTINO DE MENDONÇA.



Escavações de Pataliputra. Um aspecto da palissada defensiva. (300 anos antes de Cristo). Tempos de Maurya e Assoka

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA
PADRÕES DE TRABALHO

Curioso relógio de sol da Casa Grande (Sedra)

UM «PIO LATROCÍNIO»

A freguesia da Correlhã, antiga *Vila Corneliã* dos romanos, assenta numa extensa planície declivando para a margem esquerda do rio Lima, e em que se ostentam, como por toda esta feracíssima região, prodigiosas riquezas naturais e respeitáveis, gloriosos testemunhos de antiguidade.

A sua igreja, barbaramente mutilada, mas ostentando ainda preciosos vestígios da sua primitiva arquitectura românica, remonta, segundo os melhores cálculos, ao século XII, tendo sido reconstruída, ao que também se afirma, pelo arcebispo compostelano D. Diogo Gelmires, sobre as ruínas dum templo visigótico. Está a

igreja assente, como vários indícios inculcam, num antigo cemitério bárbaro, encontrando-se ainda no adro e imediações várias sepulturas rupestres.

Nos recuados tempos da sua reconstrução foi a igreja da Correlhã depósito ou armazem de várias reliquias sacras roubadas em Portugal por aquele astuto e interesseiro prelado galego. Os cronistas e historiadores, como se tratava dum larário católico, apostólico e romano, chefe, além disso, duma das grandes dioceses da cristandade, intitularam o roubo de «pio latrocínio», como se o *pio* pudesse constituir atenuante da

Gelmires, quando já estava formado o Condado Portucalense, em 1102, obteve de Pascoal II a confirmação dessas doações na posse da sua mitra, e julgou-se, portanto, com plenos poderes para pôr e dispor de tudo que naquelas igrejas existia. No outono do mesmo ano veio de longada até Braga, onde foi pomposamente recebido pelo arcebispo S. Geraldo, o qual distinguia com tantas atenções o galego, que chegou a ceder-lhe o próprio quarto em que dormia.

Aquella fábula da cobra, que Pedro nos conta, e que foi aquecida ao seio dum pobre homem que a encontrou no gelo, pagando-lhe depois



Palácio de Bertandios — Aspecto geral

escandalosa e abusiva façanha. Eis como os narradores modernos, Mons. J. Augusto Ferreira e cônego Manuel de Aguiar Barreiros, contam a história:

A igreja de S. Tiago de Compostela recebera, em várias épocas, doações doutras igrejas pertencentes ao arcebispado de Braga, então encravado na província da Galiza, e entre elas as de S. Frutuoso, de S. Vitor e da Correlhã. D. Diogo

com uma terrível mordedura, tem excelente aplicação ao caso.

No dia seguinte, o nosso D. Diogo, bem dormido, bem comido e bem bebido, despediu-se do colega e foi hospedar-se com a comitiva em casa própria, que possuía na freguesia de S. Vitor. Ali combinou, com a sua malta, o roubo que sem demora tratou de pôr em prática. Da igreja de S. Vitor subtraíu várias reliquias guardadas em duas caixas de prata; da capela de Santa Suzana, hoje demolida, levou os corpos dos santos Cucufate e Silvestre, e o da padroeira, que estavam envoltos em finas toalhas; e da igreja de S. Frutuoso, perto da cidade, surripou também o corpo do santo prelado e patrono daquele povo, fazendo este último roubo com todas as cautelas para evitar a intervenção violenta dos paroquianos.

Tudo bem acondicionado e utilizados os meios de condução do tempo, o cortejo, aproveitando o silêncio e a escuridão da noite, pôs-se a caminho da igreja da Correlhã, onde foi guardado o «pio latrocínio». Mas ali, constando que os «padres galegos eram portadores de reliquias roubadas pelo seu bispo em Braga», e chegando aos ouvidos de D. Diogo rumores dum amotinamento popular em perspectiva, mandou transportar imediatamente para Tui o sagrado espólio, só ficando sossegado quando um emissário lhe foi dizer que tudo estava a bom recato na igreja de S. Bartolomeu, subúrbios daquela cidade. Dali foram as reliquias levadas para a igreja de S. Pedro de Cela, onde aguardaram dez dias a chegada do Prelado, que depois as transportou processionalmente para a catedral da sua diocese.

Bem se esforçaram mais tarde alguns prelados bracarense por obter ao menos parte das reliquias de S. Frutuoso, mas os galegos nunca largaram mão dos preciosos despojos. E o povo de



Casa do Pomarchão — Fachada principal, torre e capela



Varanda da Casa Grande, da família Barros, na Seára

Braga contentava-se com fazer preces junto do túmulo vasio, celebrando a festa do santo com grande devoção.

Parece que esta igreja da Corelhã já tinha o sestro de ser pábulo da cobiça e usura da gente devota.

Conta-se que, em 910, estando D. Afonso III próximo da morte, entregara ao bispo de S. Genadio, de Astorga, 500 moedas de ouro para a igreja de S. Tiago de Compostela. O piedoso varão, por dificuldades que surgiram e que os historiadores não esclarecem, guardou em seu poder aquela quantia até 914, ano em que resolveu dar-lhe o devido destino, encarregando de a

«Imagine-se encaixilhada nas janelas e no intradorso da última arquivolta uma porta, com as respectivas umbreiras e frontão, elaborada num vago arremêdo de estilo Luís XIV, e far-se-há uma ideia da irreverência, ou antes, da inconsciência com que se foi manchar um dos componentes mais formosos como soem de ser os pórticos destas sugestivas igrejas do século XII.

«E a moderna tórre dos sinos, salientada na frontaria, dando-se ares de cubo guerreiro defendido por incaracterísticas ameias? O que vale, porém, é o *Lethes*, em frente, correndo espraiado e manso por entre sonhados vergeis, extasiando a vista e obscurecendo a memória, já...

Que tem tanta virtude de esquecer...»

Faltou acrescentar que tais barbaridades, agora condenadas por padres mais instruidos, foram praticadas no maior número de casos por clérigos brancos, cujo bom gosto artístico andava em compita com a ignorância alvar dos melhores mestres de obras. E vamos ter já ocasião de apreciar outra verdadeira atrocidade praticada por um padre na capela de Santo Abdão, contigua áquela igreja da Corelhã, no extremo-norte do adro. É coeva da igreja, segundo se presume, apresentando com ela muitos pontos de contacto, mormente no traçado dos pórticos e das portas laterais. Forma, contudo, um todo mais harmónico e equilibrado, sob o ponto de vista architectónico.

Ocorre, porém, perguntar primeiramente: Quem seria este Santo Abdão, Abedão, Endon ou simplesmente Adão, como diversamente aparece escrito em antigos documentos?

O cônego M. de Aguiar Barreiros diz constar

apenas que foi um dos três romeiros italianos que, de volta duma peregrinação a S. Tiago da Galiza, se acolheu à Corelhã, fazendo aí vida eremítica. Não teria mau gosto, porque a terra é linda, e já naquele tempo devia ser bem agradável fazer ali penitência.

Mas o sr. F. Alves Pereira, outro distinto arqueólogo, diz tratar-se dum santo de origem oriental, que foi martirizado em Roma no século III. Como chegou, em tal caso, a este recanto da Península, o culto d'este afastado servo



Pórtico e capela da Casa Sá (Corelhã)

de Deus? E culto tão fervoroso que persistiu durante séculos, atraíndo fieis das terras mais distantes? Como o culto se formou não é fácil averiguá-lo, nem imaginá-lo sequer, mas, quanto à identidade do santo, deve dar-nos a chave do enigma o vandalismo na capela praticado, e que vamos relatar.

Ao centro do tímpano da fachada, há uma espécie de nicho talhado grosseiramente na pedra, e, na direcção dos ângulos extremos da base, vêem-se duas cruzes de braços iguais, uma de cada lado, mas trabalhadas diferentemente: a da direita em aberto dentro dum círculo duplo contornado de pérolas, sôbre a qual descansa uma pomba, e a da esquerda relevada em cordões enlaçados, numa das muitas variantes apresentadas como símbolo da immortalidade. Cingimo-nos à descrição do arqueólogo Barreiros, pois que o emblema da esquerda não parece ter a configuração de cruz, que elle viu tão claramente, mas que à primeira vista ninguém enxerga. Trata-se realmente duma figura sim-



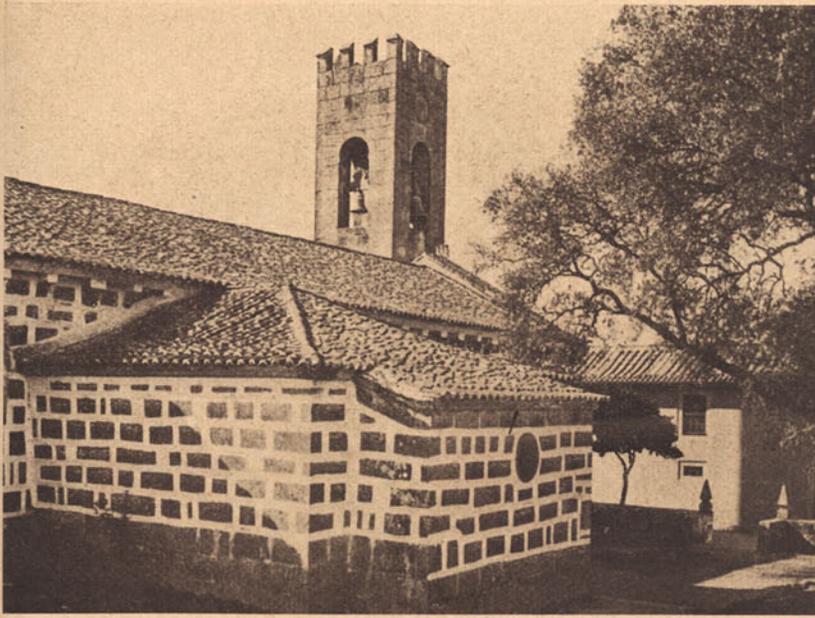
Pelourinho dos Bertinandos

entregar D. Ordonho II, rei de Leão. O monarca, fervoroso cristão, como todos os daquele tempo, achou interessante e útil conservar as lindas moedas, obtendo para isso autorização do bispo de Compostela, D. Sésinando, que recebeu em troca a *Vila Corneliã* (Corelhã). Foi esta a origem da entrêga da freguesia à diocese de Compostela.

Para que se avalie das sevícias por que passou este belo exemplar românico, basta citar as seguintes palavras do cônego Aguiar Barreiros:



Casa da Freiria, Arcozelo



Igreja da Correlhã (Aspecto lateral)

bólica, porventura representando a eternidade, mas a que o motivo-cruz apenas devia ter servido de inspiração.

Na parte agora vasada do tímpano, e que forma uma espécie de nicho, havia antigamente, segundo se diz, duas figuras nuas, que deviam aludir aos nossos primeiros pais no Paraíso, Adão e Eva.

Em 8 de Agosto de 1750, a igreja da Correlhã foi visitada, em nome do prelado bracarense, pelo rev. Francisco Diogo de Azevedo, abade de S. Pedro de Esqueiros, concelho de Vila Verde, que fôra encarregado de proceder à visitação das terras da Nobrega e do Neiva. O endiabrado abade, que tinha prosápias artísticas, praticou, entre outros, os seguintes desacatos:

«Na igreja paroquial mandou abrir uma fresta na frontaria; mudar o púlpito e reconstruí-lo à moderna; aumentar a capela-mor, mudando o seu teto para estuque, *por se sofrer sem pintura*; elevar a cornija da capela-mor à altura do corpo da igreja, ficando tudo assim de *diferente formosura*: rebocar, argamassar, *dealbar* e *pinclar* a igreja por dentro e por fora».

E não ficou por aí a sua insânia:

«Visitando a capela de Santo Abdão, escreveu êle, vi e achei sôbre a porta principal do mesmo Santo um simulacro de pedra que terá quatro grandes palmos de alto, todo absolutamente nu..., o que é obsceno, indecentíssimo e intolerável em qualquer parte, quanto mais nos lugares dedicados a Deus: pelo que ordeno ao rev. Pároco que, por conta das esmolas, mande picar tôda esta estátua, deixando a pedra em que se acha levantada lisa e rasa, ao que fará dar cumprimento dentro de vinte dias, sob pena de suspensão».

Não esteve com mais medidas o clérigo. Dentro de vinte dias, e com o dinheiro das esmolas, pois era para praticar tais barbaridades que o povo se cotisava para os santos, tinha de ser destruída a estátua que tanto escandalizara seus olhos castos. Parece que nunca tinha visto as priápicas e impúdicas figuras com que na meia-idade era de uso ornamentar as gargulas dos corcheus, e algumas das quais se admiravam na igreja próxima.

A verdade é que Adão e Eva, ou simplesmente Adão, pois não está averiguado se eram duas figuras, desapareceram diante da sanha ferozmente púdica do padre. Mas neste Adão é que deve estar a tal chave do enigma. Em primeiro lugar, os emblemas simbólicos laterais, que ainda se conservam, deviam ser representativos da redenção, a aliança do homem com Deus figurada na pomba, mensageira do resgate por meio da cruz, e da eternidade, simbolizada em círculos dando a configuração dum H, por-

ventura *Homo* e encimados por chamas parecendo rodear um coração: o amor divino? Que o digam os sábios da escritura...

Mas o nome, o nome do Santo? Era simples-

mente Adão, como aparece por várias vezes escrito, e a que o povo se acostumou a dar foros de santidade, por ser a primeira e principal figura com que seus olhos enfrentavam ao entrar na capela.

Deixemos, pois, em paz os vários eremitões que houve pelo mundo e não tiremos ao bom do nosso proto-parente a glória de ter sido canonizado pelo povo naquelas deliciosas margens do Lima.

Como o rio, de facto, «tem tanta virtude de esquecer», o povinho esqueceu-se também do seu pecado original e estado de nudez, para lhe atribuir virtudes milagreiras.

Não será esta a explicação mais plausível do estranho nome? *Adamus, oh Adamo, Abedão, Abdão*, finalmente *Adão*.

Mas, se os sábios não concordarem, também não fazemos questão do caso.

CASAS NOBRES

Nesta mesma freguesia da Correlhã encontramos algumas casas antigas dignas de registro. Entre elas, a *Casa do Ouleiro*, solar de boa aparência, da família dos Melos, Abrens e Limas. É seu proprietário e representante desta família o sr. José de Melo de Abreu e Lima, antigo presidente da Câmara de Ponte do Lima, filho de Joaquim de Melo Abreu e Lima e de D. Francisca de Barros da Cunha e Azevedo.

Mais adiante, para lá da igreja, encontra-se um interessante pórtico, brasonado, com capela, que dava entrada para a casa da família Sá, de que parece não haver descendência, não restando também vestígios do antigo solar.

É tradição que foi família muito rica, e que dêsse facto se blasonava, dizendo que poderia faltar a areia no mar, mas que o seu dinheiro nunca mais acabaria. Tempo chegou, porém, em que um dos representantes, gastador e perdu-



Palácio de Bertandos — Entrada principal e 46rre

lário, foi pouco a pouco hipotecando todos os bens até ficar reduzido à miséria.

Perto dali, na Seara, há também outra casa antiga, da família Barros, a *Casa Grande*, pertencente ao sr. Rodrigo Barros da Cunha Mimoso, aparentado com o ilustre fidalgo da casa de Sá, na freguesia do mesmo nome, dr. José Mimoso de Barros Alpoim, a cujo solar também já nos referimos.

Há nesta casa uma curiosidade interessante: num largo pátio ligeado, a ocidente, e que parece servir de eira, vê-se, num ângulo, sobre uma coluna, um curioso boneco de pedra, que tem sobre o peito duas meias luas de metal com os números das horas, que um ponteiro central vai marcando. É um dos mais raros exemplares de relógios de sol que temos encontrado, sendo estes muito vulgares nas casas nobres, mas sem nenhuma característica especial.

Quasi em frente destas freguesias, na outra banda do rio, surge-nos a antiga, lendária e nobre povoação de *Bertiandos*, assente em largas, férteis veigas e sombreada por bastos arvoredos. O objecto de maior admiração é ainda hoje o palácio do Conde do mesmo título, nobre fidalgo e distinto escritor, há pouco falecido.

A casa de Bertiandos pertenceu aos Pereiras, descendentes directos do condestável D. Nuno Álvares Pereira. Foi fundada em 1479 por Fernão Pereira. Sua nora, Inês Pinto, mulher de Lopo Pereira, 2.º senhor de Bertiandos, instituiu dois vínculos que ficaram conhecidos pelo 1.º e 2.º Morgadios de Bertiandos. Vieram depois a juntar-se, após séculos de contendas, pelo casa-



Capela de Santo Abdão, na Correlhã



Casa do Outeiro, na Correlhã

mento da 9.ª senhora do 2.º Morgadio de Bertiandos, D. Maria Angelina Pereira Forjaz de Eça Montenegro com o 10.º senhor do 1.º Morgadio, 2.º da vila de Bertiandos, Damião Pereira da Silva de Sousa de Meneses, em 1792.

Dão outros como fundador desta casa Rui Lopes Cerveira, casado com D. Maria Pereira, filha do Condestável. São contendas para linhagistas.

O certo é que o actual solar, no dizer do ilustre escritor sr. Conde de Aurora, é «o mais típico e nobre exemplar arquitectónico de casa senhorial do Minho», com «sua torre, suas varandas, seus terraços, sua escada de granito de quatro faces, seu todo harmónico, grandioso, equilibrado, justo.»

«Exemplo de propriedade rústica minhota, percorre-se a parece folhear-se um velho cronicón das épocas romanas: talvez só com a diferença de um tratamento mais familiar e associativo ao pessoal que é a família daquela casa.»

«Situação, vista, arredores, rio — passam barcos à vela, de Viana para a feira de Ponte.

«Frente à casa e junto ao Lima, secular freixo. Ao fundo, o *estanca-rios*.

«No jardim, o pelourinho da vila de Bertiandos (de que os senhores desta casa eram donatários) e para o qual se aproveitou um dos quatro marcos miliários da estrada romana de Braga a Astorga.»

Seguindo a estrada de Ponte do Lima, encontramos adiante, na *Casa de Freiria*, do conselheiro Vieira Lisboa, em Arcozelo, alguns destes marcos miliários, levados para ali duma casa próxima, onde apareceram.

Esta freguesia é um rico viveiro de velhos solares, dos quais hoje destacaremos apenas a

magestosa *Casa de Pomarchão*, da família Malheiros Reimão.



Casa de Pomarchão — Escadaria e varanda claustrada

«A escadaria nobre de granito, diz ainda o sr. Conde de Aurora, a larga varanda claustrada acompanhando toda a fachada e topo do edificio, a linda torre, a situação, vista sobre a vila e montes de Calheiros, o soberbo pano de fundo de pinhais (da mais fina madeira do Norte, que dizem ser semente vinda de Riga e bem aclimada) torna esta casa uma das maravilhas desta surpreendente ribeira, *alfobre de fidalgos, berço de poetas.*»

REINALDO FERREIRA.
SOUSA MARTINS.

(Fotos de Alvaro Martins).

A reportagem literária e fotográfica para a secção

«GRANDEZAS DE PORTUGAL»

é feita em automóvel CHRYSLER de que é representante em nosso país a firma

A. BEAUVALET

LISBOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137
PORTO — Rua de Santa Catarina, 73

DORIS STEVENS

APÓSTOLO DO FEMINISMO

Doris Stevens impressiona-nos, à primeira vista, como uma dessas americanas encantadoras e sofisticadas, que conhecem Paris melhor do que Nova York, Bond Street melhor do que Cleveland, Ohio. É uma graciosa criatura, alta, esbelta, animada, vestindo com suprema distinção as suas elegantes *toilettes* e exibindo, com brio, a sua triunfante mocidade. Mas quando fala, recebe-se a impressão de uma mentalidade dotada de um desconcertante poder de concentração, que ataca directa e implacavelmente o propósito concebido. Assim é Doris Stevens, Presidente da Comissão Jurídica Interamericana de Mulheres, também Directora do Comité de Acção Internacional do Partido Nacional de Mulheres dos Estados Unidos, uma das mais salientes e notáveis personalidades que conta o movimento feminista na América.

A sua linhagem e a experiência ganha nos anos da sua primeira juventude, influíram muito na sua carreira ulterior. Seu avô paterno era um pastor protestante holandês, que emigrou para o Novo Mundo afim de ministrar o Evangelho entre os seus compatriotas estabelecidos na América do Norte. Sua mãe, imbuida na leitura de revistas de medicina, desejava ser médica em vez de se dedicar à música e à costura, artes «próprias do seu sexo». A família de seu pae era de origem inglesa, oriunda de Devonshire, burguesa e profundamente religiosa. O sr. Stevens veio estabelecer-se no Oeste, estado de Nebraska, com sua enérgica e activa esposa. Ali nasceu Doris, ali cresceu numa atmosfera profunda e sinceramente devota, iluminada por um fervido anhel de servir a humanidade, inspirado por seu pai e equilibrado pela forte rebeldia intelectual da mãe. Na escola secundária prosseguiu Doris Stevens os seus estudos com verdadeiro afinho, chegando ao Colégio de Oberlin, em Ohio, com brilhantes notas escolares, uma espingarda para matar coelhos, um ódio invencível à tagarelice feminina, e vinte e dois dollars emprestados por um irmão mais novo. Estudou com profusa versatilidade canto, piano, inglês, psicologia, história e outras matérias. Oberlin é um colégio com estudantes de ambos os sexos, e goza duma tradição de iniciativas. Foi o primeiro a admitir mulheres e também o primeiro a admitir alunos de cor. Durante a época da escravidão, possuía uma estação secreta de refúgio para os escravos fugidos. Na Biblioteca de Oberlin, há muitos anos já, Lucy Stone fez investigações sobre as edições não traduzidas da Bíblia, para descobrir se a mulher tinha pertencido sempre a um sexo subordinado. A esse colégio veio também ensinar Mrs. Snowden, sendo Doris Stevens uma das suas discípulas, e nele usou da palavra Sylvia Pankhurst no departamento de sociologia.

Doris Stevens, uma linda mocinha de olhos castanho-claros e cabelo dourado, era naquele tempo, já, feminista. Recusara-se categoricamente a adoptar o meigo equivalente feminino do grito colegial nas partidas de *foot-ball*, preferindo derrubar árvores e praticar proezas com o seu revólver *Coll*, a entregar-se, nas reuniões das suas colegas, ao passatempo pueril de confeccionar docie-



DORIS STEVENS
Presidente da Comissão Inter-americana
de Mulheres

nhos. Divertia-se mais tomando parte nos *sports* com os seus colegas masculinos, que prezavam no mais alto grau a sua companhia. Quando, num chá escolar, Sylvia Pankhurst, a conhecida sufragista inglesa, lhe contou o que estava sucedendo com as militantes sufragistas na Inglaterra, Doris protestou, dizendo: «Mas isso nunca poderia acontecer aqui! Os nossos homens não nos tratariam dêsse modo!» A inglesa fitou-a com os seus grandes olhos azuis: «Já trataram de lhes pedir o voto?» «De certo, muitas de entre nós já o fizeram». «Experimentaram fazê-lo com verdadeira determinação» Doris Stevens lembrou-se desta pergunta, mais tarde, quando foi encarcerada, quando a sua querida *leader* Alice Paul foi submetida a um cruel terrorismo na prisão e ela se viu impotente para o impedir e estar a seu lado. Mas o acontecimento ecoou em todo o país e as mulheres norte-americanas aprenderam a pedir, com determinação, aquilo que queriam.

Até se obter o voto feminino nos Estados Unidos, Doris Stevens não conheceu um só dia de repouso. Por um lado, as reuniões públicas e privadas que organizava, entusiasmando com a sua cálida palavra as hostes femininas e propagando em todos os sentidos o movimento libertador, por outro, a prisão, não lhe tinham deixado um momento de tranquilidade no seu indómito espírito. Foi depois do grande triunfo do Aditamento XVII que pôde pensar um pouco em si mesma. Foi então que contrafu matrimónio com Dudley Field Malone, íntimo do Presidente Wilson, que renunciara ao seu posto de Director da Alfândega de

Nova York, em sinal de protesto pelos maus tratos dados às sufragistas militantes. Visitou com o seu esposo os principais países da Europa, após a heroica luta em que não desfalecera nunca.

Desde então foi uma das *leaders* de mais destaque no Partido Nacionalista de Mulheres dos Estados Unidos. Foi ela que se dirigiu à Havana, chefiando uma deputação de mulheres que apresentou à Sexta Conferência Panamericana, ali reunida, o projecto do Tratado para a Igualdade de Direitos, que é actualmente a base das reclamações do feminismo internacional. Quando lhe disseram, naquela memorável Conferência da Havana, que só os delegados à dita conferência poderiam ser ouvidos em sessão plenária, a *leader* replicou que o sr. Coolidge, Presidente dos Estados Unidos, tinha falado sem ser delegado. E foi assim que, pela sua pertinácia, logrou o intento da sua viagem a Cuba, conseguindo que as mulheres fossem ouvidas em uma sessão plenária da Conferência, com o objecto exclusivo de tomar em consideração o pedido das feministas. Como resultado daquela gloriosa sessão, foi criada a primeira comissão internacional jurídica formada de mulheres, a Comissão Interamericana de Mulheres, para investigar todas as distinções contra a mulher nas leis dos países americanos, e para fazer recomendações a esse respeito perante a Sétima Conferência Panamericana. E foi ela, Doris Stevens, a revolucionária, a jovem professora, a gentil rapariga conhecida nos salões da alta sociedade, a mulher moderna, que foi nomeada oficialmente Presidente dessa Comissão.

Quando os plenipotenciários de quasi todos os países se reuniram em Paris para assinar o Pacto Kellog, foi ela, Doris Stevens, que lhes pediu uma audiência com o fim de lhes propor o tratado da Igualdade de Direitos. Foi ela que solicitou que a ouvissem por 10 minutos em Rambouillet, sendo presa e levada ao posto da policia com sete outras suas colegas feministas. E foi ela também que, quando corria o seu nome de boca em boca depois da imprensa ter noticiado o sensacional acontecimento, ao ir a uma grande modista de Paris e ser apresentada como «a rapariga que tinha aborrecido o sr. Kellog», recebeu da grande modista — génio na sua profissão e ardente feminista — a sua homenagem simbolizada em dois lindos chapéus, duas obras primas, confeccionados expressamente para uma cabeça tão formosa como valente.

De Paris foi para Genebra, seguindo os passos dos delegados latino-americanos na Primeira Comissão da Liga, que se reunia naquela cidade e, como Presidente da Comissão Interamericana de Mulheres, conseguiu que passasse, em sessão plenária, uma resolução recomendando à Liga que as delegações à próxima Conferência da Haia sobre a Codificação de Direito Internacional, fossem compostas de acôrdo com os interesses femininos. Num banquete oferecido em Genebra em honra dos delegados sul-americanos, foi a única oradora feminina, e aproveitou a ocasião para falar sobre o Tratado da Igualdade de Direitos e a nacionalidade da mulher casada.



Fachada da gare aérea de Tempelhof (Berlim)

PELOS ARES

O MOVIMENTO DUMA GRAN
«CEMITÉRIO» DE «PÁSSA
MINUTOS SOBRE UMA
MILHÕES E MEIO

no seu esmerado asseio faz ruborizar de vergonha a fisionomia encarvoada e desconfortante de certas estações ferroviárias europeias. A aviação é um grito febril do século vinte e como tal todos os detalhes, que lhe servem de moldura, têm de sofrer do mesmo influxo progressivo.

No «hall» espaçoso ficam instalados «stands» de finalidade comercial. Seguem-se os «bureaux» de informações e um amplo corredor que conduz ao campo. E a seguir, o «restaurant-bar», aconchegado salão de inverno, vestílo com reminiscências das últimas expressões das artes decorativas.

No alto do edifício, dominando o panorama surpreendente, uma «terrace» com o

Tempelhof, a grande «gare» alemã, excede Le Bourget. É uma gravura animada a ilustrar o capítulo da aviação na página onde se registam os seus últimos aperfeiçoamentos. É uma borracha pronta a safar tôdas as reticências escritas pelos defetistas da conquista do ar.

O aerodromo da Luft Hansa abre o leque vastíssimo das suas instalações em Tempelhof, num dos extremos de Berlim. É uma grande «gare», a que largas artérias de asfalto brunido proporcionam um acesso convidativo e fácil. Interiormente, o seu aspecto sóbrio em linhas de construção e atraente



Aspecto do formidável aerodromo da Luft-Hansa

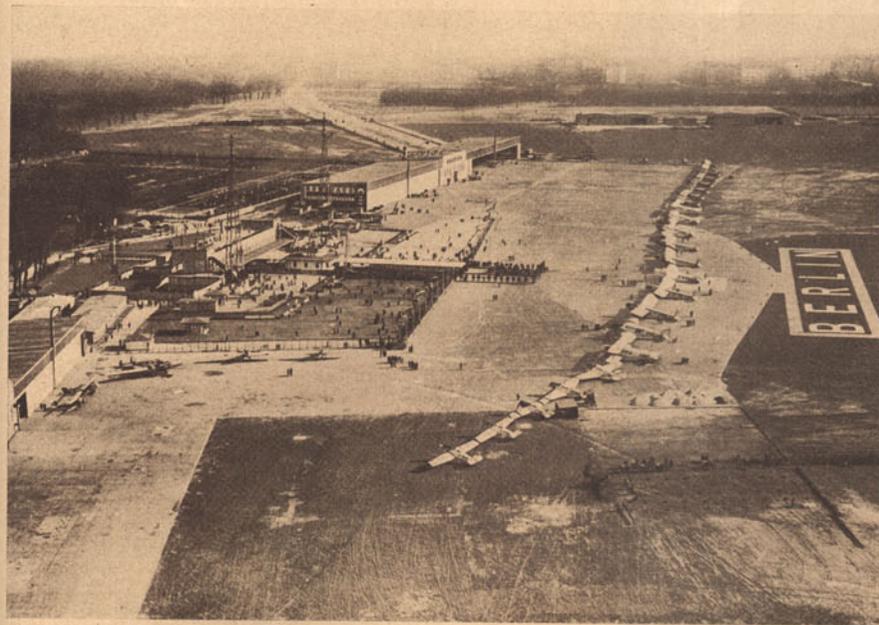


A esplanada-bar do aerodromo da Luft-Hansa

DE «GARE» DE AVIÕES — UM
ROS-MONSTROS — VINTE
CIDADE DE QUATRO
DE HABITANTES

seu bufete. Junto às balisas do campo, uma extensa esplanada-bar, fechada com o friso de côr de lindas flores. Um «haut-parleur», sobre uma elevada coluna de ferro, espalha com nitidez e magnífica dicção, as notas dolentes duma valsa de Lehar. Os «hangars» alongam-se, aos lados. E ali que repousam, asas abertas e hélices adornadas, os pássaros-monstros, vitória do pensamento humano. Alinham-se os «Dornier» e os «Junkers», perfilam-se os «Albatroz», os «Fokker Grulich», os «Caspar», os «Rohrbach» e os «Bequemes Luftreisen». Esmiuçamos a visita. Agora, os salões de expedições, de recepção, de bagagens e mercadorias, a alfân-

dega, as enfermarias e o posto da polícia. Depois, um «coup d'oeil» pelo «cemitério» dos aviões. É um museu, um recanto de saúdaes, devidamente catalogadas. Motores que dominaram em tardes serenas o espaço, atingiram o seu triunfo e que o tempo enve-
Ouve-se uma «sirene». Descobre-se ao longe, num murmúrio de som, a silhueta



«Taxis» aéreos aguardando a hora da partida de Tempelhof (Berlim)

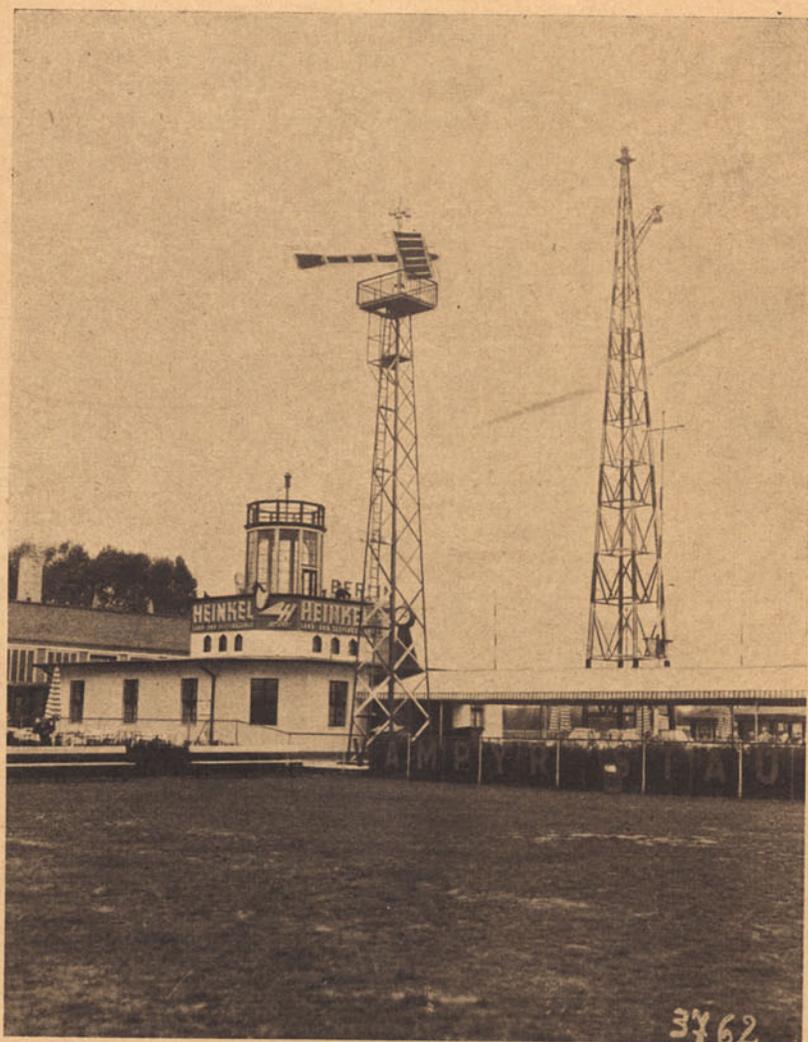
ILUSTRAÇÃO

dum avião. É o aviso-saúdação a quem chega. A multidão que enche tôdas as tardes, em «rendez-vous», a «gare», agita-se. O aparelho descreve no espaço as curvas do estilo, num declinar frisante de forças. Toca o relvado. Deslisa, agora, como uma vulgar «camionette», pelo asfalto polido, a hélice descrevendo rotações mínimas. Pára, junto à «marquise». Suspende a sua respiração funda. Os «grooms», irrepreensíveis nos seus «dolmans», colam as escadas às «cabines», facilitando a descida. É o «Dornier-1.103». Tem a pitoresca legenda de «Raposa de prata». Regressa de Bremen. Conduz três homens e três senhoras.

A tôdas as horas chegam aparelhos, cumprindo os horários. O facto, tão rotineiro e banal à primeira vista, tem tanto ainda de impressionante que a massa de público, que povôa as esplanadas e as «terrasses», confere sempre ao incidente uma expressão onde, simultaneamente, se exterioriza e confunde a curiosidade e a admiração.



O restaurante de inverno do aerodromo de Tempelhof



O posto de polícia aérea e de aterragem no aerodromo da Luft-Hansa, em Berlim

O ambiente de Tempelhof contagia, estimula. A sedução duma viagem pelo espaço embriaga os sentidos, acelera o sangue. Não se resiste. Corremos ao «guichet». Tomamos um «taxi» de cidade. É um «Junkers» de seis lugares. O nosso bilhete é o número 313.120. O motor canta a abertura da sua sinfonia, que precede o nosso «baptismo do ar». O «taxi» larga, não disfarçando a trepidação, igualada à nossa emoção. Uma ligeira curva e a descolagem sente-se. Suavidade, bonança, expectativa. O «Junkers» continua a subir, galgando atmosferas. Desenha viragens e segue a linha de cintura da cidade. Quinhentos metros. Berlim é uma larga folha de papel, a planta arquitectural duma grande cidade. Tudo pontuado. Oitocentos metros. Manchas de côr; esboços de casario, canais e pontes. As asas de alumínio rebrilham ao sol. Vinte minutos de vôo. Desce-se. O motor suspende a respiração. Pára-se. Nenhum ruído. Solenidade. A hélice volta a trabalhar. Descrição de círculos, sob o afago do sol, em fim de tarde. O panorama aumenta de formas. Há lenços brancos que se agitam em saúdação — a saúdação espontânea de tôdas as horas, de todos os minutos. O «Junkers» beija a terra sem um estremecimento. Corre ainda nervosamente. Uma leve emoção pretende abafar-nos. Regressa-se ao ruído, à vida. Daí a um instante, novo ruído, novo vôo, outra grande ave que enfrenta as correntes invisíveis do ar com a serenidade consciente dum pensamento immaculado e bom — enfim, o movimentado tráfego duma movimentada «gare» aérea...

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

A falsa advogada

QUE FEZ DEFEZAS NA BOA-HORA É UMA GRANDE POETISA, COMO SE PROVARÁ, VESTE Á HOMEM E PRETENDE SER REVISTEIRA E JORNALISTA



mutilara o ornamento mais belo que um corpo feminino pode ter — o seio. Pretexto? Poder guiar mais à vontade o seu automóvel de corrida...

Ora, a Senhora Dona Adelaide Fernandes Pereira da Silva (assim nos declarou ela chamar-se), não faz discursos feministas, nunca foi deputada, nem mutilou o seio para guiar o «Citroën» de seu tio, mas já foi advogada, embora por pouco tempo, e faz versos como qualquer menina casadoira. Na prática, mais do que na teoria, ela é uma feminista.

Os leitores não conhecem a Dona Adelaide, mas conhecemo-la nós. E como não somos egoístas, não pretendemos, escondê-la na nossa intimidade qual sórdido avarento o seu tesouro deslumbrante. Pelo contrário, a nossa generosidade impele-nos a revelá-la nas colunas da *Ilustração*.

Dona Adelaide, embora o sexo forte não lhe seja odioso, pois a galeria dos seus amores é extensa, tem hábitos masculinos, bem visíveis e todos exteriores. No íntimo é mulher. Pode dizer afoitamente que no fundo é bem feminina como se diz daqueles facinoras que falsificam letras, assassinaam o pai e enganam as irmãs: no fundo é bom rapaz.

Ela usa casaco à homem, camisa de popeline, colarinho e gravata, cinto de borraça, do qual pende uma corrente e um molho de chaves que mete no bolso lateral da saia curta, chapéu de feltro como o que usa este criado de Vossas Excelências. Mas todo este aspecto másculo não a impede que invoque com saúde a memória do marido e de um filho, ambos falecidos, ambos possivelmente imaginários.

Imaginários? perguntar-nos hão, surprezos. Cremos que sim. A imaginação deste estranho ente é versátil e fecunda. E assim como ela criou para seu pai, falecido, um posto muito mais alto do que na realidade tinha, achamos possível que sobre o seu passado ela tivesse fantasiado uma história que julgasse ajustar-se melhor à sua personalidade. Mas não devemos querer-lhe mal por isso; também há homens que, nascendo plebeus, ambicionam e, por vezes alcançam

a glória vã de um condado, de um principado puramente imaginários.

Dona Adelaide, que não passa, fisicamente, de um palminho interessante de cara em dois palmos escassos de corpo pequenino, elegante e fugidío, possui uma alma grande, enorme, que se expande por várias formas: — na tribuna de defesa num tribunal, com eloquência e entusiasmo, e em pedaços de papel, onde rabisca a lapis sonetes de amor.

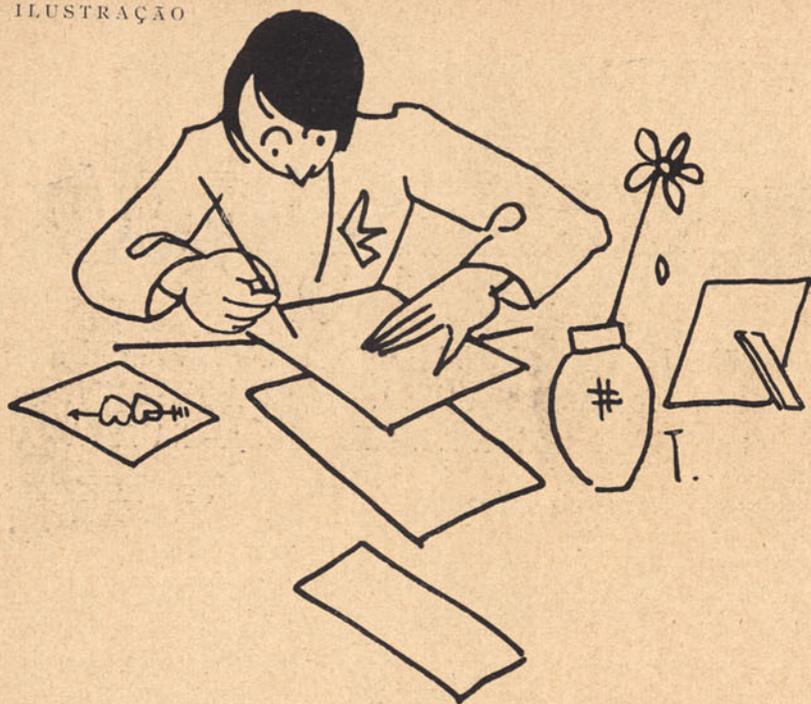
Eis duas facetas curiosas do cristal puríssimo do seu génio, que convém analisar para elucidação das gentes.

Deu a poetisa ilustre — ilustre, embora ignorada do grande público — em andar, há tempos, vestida de estudante de Direito e, assim trajada, entrou de freqüentar com assiduidade os tribunais, na Boa-Hora, assistindo aos julgamentos. Ela era um ornamento indispensável nas audiências, e os juizes parece que já não ficavam contentes se não vissem o seu vulto gentil, franzino, e a sua face agaiatada.

É praxe jurídica, quando o reu se apresenta sem defensor, o juiz escolhê-lo de entre as pessoas mais categorizadas que figurem entre o público. Essa escolha recaiu, um dia, sobre Dona Adelaide, porque sua capa e distintivos de estudante de Direito naturalmente a indicavam como pessoa mais apta para defesa.

Aceitou, sem hesitar, aquela aventura que





o bom acaso lhe proporcionava, e saíu-se bem. Ela é expedita, mentirosa, faladora e se atenuantes não havia que tornassem o réu simpático, ela teria sabido inventá-las facilmente. Ou porque dela emanasse um fluído de ternura propício ao perdão, ou porque no processo não existisse, de facto, matéria culposa de grande monta, a verdade é que o réu foi absolvido.

Dona Adelaide conheceu, portanto, o seu grande triunfo, saboreou-o delectada e quis repeti-lo. Mais uma ou duas vezes a incumbiram de defesas até que, um dia (há sempre um dia fatal na vida de uma mulher), um advogado de acusação que a conhecia, como popularmente se diz, de gingeira, a acusou em pleno tribunal de se fazer passar por estudante sem o ser.

Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro, passou de advogada a ré. Conheceu as agruras da cadeia, mas acabaram por mandá-la em paz, ao reconhecerem que ela era muito pequena, original e excêntrica para lhe aplicarem uma pena séria. Ficou-lhe, daí, a alcunha de *Falsa Advogada*, só não lhe ficou, porém, vontade de insistir em advogar.

Este revés de sua vida, longe de torná-la rancorosa contra a humanidade, impregnou seu coração de anseios de amor. E da amorosa nasceu a poetisa. Tem cadernos de papel almaço garatujados de quadras e sonetos. Leu-no-los um dia, em sua voz aguda de criança, acompanhando com a mão flexível e minúscula a cadência das rimas. E, de entre aqueles poemas, um escolheu, decerto o melhor, para oferecer aos nossos leitores. Vamos reproduzi-lo na íntegra, sem a falha de uma rima, sem olvidar uma vírgula, a fim de com justiça se avaliar do engenho

desta rapariga que não envergonha muitas das poetisas célebres, que publicam livros em papel de linha e recebem encómios da imprensa generosa.

*A tua encantadora e sublime graça,
Os encantos suaves que eu tanto sonhara,
Sinto sempre junto de mim a lânguida taça
E o filtro amoroso desta paixão rara.*

*A tua grandeza correcta e superior,
Onde o teu amor tão correcto e sensual,
É para mim um coração grande e tentador
E para amar não há no mundo homem igual*

*Porque será que tanto adoro a tua vida,
Porque será que te amo tanto, assim perdida,
Porque será não sei dizê-lo e nunca o saberei.*

*E a minha alma por ti chora eternamente.
Eu ficarei a sofrer muito e suavemente
O teu amor tão sincero que jâmais esquecerei.*

Tomar ares de grande crítico e, com fumaças de sábio, realçar, letra por letra, a beleza extraordinária de cada verso deste soneto admirável não se coaduna com o nosso feitio. Os leitores têm sensibilidade. Compreenderam e admiraram, como nós, toda a emotividade desta jóia da poesia moderna. Limitamo-nos, portanto, a chamar a atenção dos entendidos para a maravilha da sintaxe, e a dos sensitivos para o objecto amoroso de tão bela produção.

Sim, Dona Adelaide é uma amorosa, convicta, espécie de freira de Beja apaixonada por muitos Chamillys. O tempo que não é absorvido pela sua actividade poética dedica-o todo às suas aventuras amorosas. Tem todas as horas ocupadas. Das 10 às 11, major Fulano, que ainda é seu primo; das 11

às 12, major Beltrano, que é seu compadre, padrinho do seu casamento com o major Cirrano, que Deus haja... A sua vida vai toda para o major — símbolo de amor de pai, de marido, de amante, de primo e de compadre.

Exceptuando o italiano Giovanni, que ela escreve com *J*, embora se tenha vangloriado de saber na ponta da língua o idioma de Dante, como prova com um exemplar do *Corriere de la Sera* que a acompanha, exceptuando o italiano, fomos aparecendo, sargento da marinha, ou coisa parecida que ela elevou ao brilhante posto de lugar-tenente, tudo são majores — majores médicos — na sua família e nas suas relações.

Agora tem duas aspirações máximas: escrever uma revista de teatro e ingressar no jornalismo a fim de redigir reportagens sensacionais. Que o destino lhe seja propício, são os nossos votos. Para *comère* da revista ela não poderá encontrar melhor modelo do que a sua gentil figurinha de mulher, cheia de mobilidade e imprevisão. E para a reportagem sensacional onde encontrar melhor assunto que não seja ela própria, comparsa extravagante desta Lisboa tumultuária e destrambelhada?

MÁRIO DOMINGUES.



O criminoso imaginário



Quando Maurício Fonseca chegou a casa para jantar, confiado e sorridente, como era seu costume, a criada foi esperá-lo ao corredor e disparou-lhe à queima-roupa estas palavras:

— Esteve cá um polícia à procura do sr. Maurício.

— Um polícia!? — exclamou Maurício, ao mesmo tempo que o sorriso empalidecia nos seus lábios trémulos.

— Sim, um polícia de carne e osso — voltou a dizer a criada, que mantinha pela corporação, apesar dos desgostos que um civico lhe tinha dado na sua mocidade, uma indestrutível simpatia.

— E não disse o que queria? — inquiriu Maurício, apreensivo.

— Não, senhor. Ficou muito aborrecido e disse com maus modos que voltava mais tarde.

Esta ideia de ter sido procurado em sua casa por um polícia lançou Maurício Fonseca em profunda meditação: «Um polícia... à minha procura...» E aos seus lábios tímidos aflorou uma interrogação: «Para me prender?»

Em volta d'ele fêz-se um largo vácuo. Maurício era um cardíaco. Era um imaginativo também. O coração começou a pulsar-lhe com mais força dentro do peito e os objectos que lhe eram familiares começaram a interrogá-lo, com a expressão muda e fria que certos estados de alma emprestam às coisas que nos rodeiam.



— Maurício, que fizeste? — perguntava a oleografia de Machado Santos, que o velho republicano tinha devotamente no seu gabinete de trabalho.

— Maurício, que grave suspeita teria levado a polícia a quebrar a paz inalterável da tua vida de prestimoso burocrata cumpridor dos seus deveres? — inquiriu gravemente um velho retrato de família que Maurício conservava em preciosa moldura de pau santo.

— Maurício... Maurício... que dirá amanhã o teu director geral, quando souber que a polícia te procurou em casa, sabe Deus para que misterioso ajuste de contas que tu, por certo, descertaste, à força de pensares no Capítulo VII da receita do Orçamento Geral do Estado? — disqueteava o busto de Rouget de Lisle, — cantando a Marselhesa em terra cota.

E a obsessão de que alguma coisa de grave se passava ia aumentando pavorosamente no seu espírito, a ponto de lhe causar zumbidos e perturbações gástricas.

Maurício era, por educação e por índole, uma pessoa correcta e tímida, incapaz de praticar um acto que de longe contribuisse para ameaçar a paz social ou quebrar a

paz social ou quebrar a sábia harmonia que reina entre a natureza e o homem. Nunca levantara a mão para castigar uma insolência, habituado como estava à disciplina buro-



crática que a manga de alpaca lhe imprimia. E agora, de repente, sem saber porquê, era procurado pelas autoridades, como um carteirista vulgar que tem o nome e o retrato nos registos policiais!

Sentou-se à mesa para jantar. O apetite, o seu magnífico e inalterável apetite, fugira-lhe como por encanto. Nem um saboroso arrozinho de frango com molho de tomate, que noutras circunstâncias teria atacado com heróica decisão, conseguiu aumentar-lhe na bôca o precioso líquido que segregam as glandulas gustativas. A rechonchuda servical, que tinha para com êle intimidades suspeitas, ainda lhe perguntou se sentia algum incômodo. Dise que não, que tinha lanchado na Baixa com um amigo, contra o seu costume, e que ainda sentia uma *sandwich* de paio na bôca do estômago. Mentia para não levantar suspeitas, para não deixar perceber o estado de espírito em que ficara. E começou então para êle o martírio horrível de ocultar a verdade, de ruminar em

silêncio a dúvida que o apavorava. Quando pegou no jornal, no jornal da tarde que a criada lhe trouxe, leu a notícia dum crime praticado em circunstâncias misteriosas. A simples ideia de que o podiam tomar por um criminoso produziu-lhe suores frios. Dizia o jornal que o crime tinha sido cometido na véspera, entre as 5 e as 7 horas da tarde, num lugar ermo, próximo de Lisboa, onde umas mulheres que passavam encontraram o cadáver. Prêso para averiguações um indivíduo suspeito, a polícia mandou-o em liberdade por ter demonstrado, dum modo que não oferecia dúvidas, em que tinha empregado aquele espaço de tempo.

«E se êle, Maurício, fôsse prêso, como podia provar que não tinha participação no crime? Onde tinha passado aquelas duas horas? Quem o tinha visto? Com quem tinha conversado?»

E lembrou-se de que na véspera saíra da repartição, da 5.ª repartição de Contabilidade do Ministério das Finanças, precisamente às 5 horas da tarde. Quando chegou a casa, já a criada estava em cuidado, porque não era frequente recolher àquela hora. Eram quasi 8 horas. Viram-no sair da repartição, viram-no entrar em casa, mas nenhum conhecido o tinha visto durante o intervalo em que foi praticado o crime. Não podia, portanto, provar a sua inocência. E sentiu-se perdido, condenado, vítima dum tremendo êrro judiciário — e manchada para sempre a sua reputação. No dia seguinte, os jornais publicar-lhe-hiam o retardo; os colegas, na repartição, comentariam o caso a seu modo; a vizinhança havia de murmurar em frente da porta. O seu feitio pouco expansivo tinha-lhe criado inimigos. Êsses aproveitariam o ensejo para reconhecer nele um criminoso nato, um tipo que vem no Lombroso, a páginas tantas.

Maurício afundou-se mais no velho sofá de crina, onde lhe era grata a leitura quotidiana do *Diário de Notícias*. As molas rangeram. Duas lágrimas correram-lhe pela face. Com êste poder criador que caracteriza os imaginativos, via já constituído o tribunal

que o havia de julgar, o olhar severo dos magistrados, o público rumoroso e sedento de escândalo, o desfile enervante das testemunhas, o sorriso piedoso do advogado a dar-lhe confiança e, por fim, a sentença, a inexorável sentença que havia de atirar o seu nome para a galeria dos criminosos célebres e os seus últimos anos de vida para o isolamento angustioso duma cela penitenciária.

Sentiu faltar-lhe o ar. Abriu a janela e respirou a plenos pulmões a brisa refrigerante que subia do Tejo. No céu, desenhava-se o alfanje de prata do Crescente. O que foi aquela noite de insomnia, cortada de sobressaltos e pesadelos, só Deus o sabe. Deus e Maurício Fonseca, 1.º oficial da 5.ª repartição de Contabilidade do Ministério das Finanças. Quando a primeira luz da manhã entrou pelo quarto dentro, os seus olhos pisados voltaram-se tristemente para o lado do Tejo, como que a dizer adeus à doce liberdade, que êle via representada no vôo elegante duma gaivota sôbre a turquesa húmida



do rio. E, como todos os dias, Maurício Fonseca levantou-se, fêz a barba, tomou banho e perguntou à criada se o almôço estava decorado.

— Não demora nada, sr. Maurício.

A mesa estava posta. Sentou-se. Tinha ainda uma hora para almoçar. A cabeça pesava-lhe diabólicamente. E a bôca sabia-lhe a chapéu velho, tal qual como no dia seguinte àquele em que festejou, com alguns amigos, as suas bodas de prata de funcionário público.

Durante tóda a manhã tinha-se conservado atento ao menor ruído que vinha da porta da rua. Cada vez que retinia a campainha, suspendia a respiração. Era o padeiro, era a peixeira, era o homem do talho. O polícia não apareceu. «Quem sabe se irá à repartição?» E começou então a figurar a scena, os comentários dos colegas, o espanto da dactilógrafa, o olhar severo do director geral. Não, preferia morrer a ir nesse dia à repartição. E, depois do almôço, para ali se deixou ficar, com uma expressão apatetada, entre um exemplar do *Diário de Notícias* lido nervosamente, sem atenção e sem volúpia,



e o regulamento disciplinar aberto na página 18: «Penas impostas aos funcionários...»

A criada veio perguntar-lhe:

— Então o sr. Maurício não vai hoje à repartição?

— Não, não me sinto bem.

— Ora este homem! Ai tem o resultado de andar a comer fora de casa, por esses *restorantes* de má morte, onde as comidas envenenam o sangue duma pessoa.

E foi preparar-lhe um cháinho de tilia, e trouxe-lhe uma almofada para aconchegar a cabeça, e ela própria lhe descalçou as botas, enfiando-lhe os pés em grossas pantufas de lã.

Maurício dormitava quando tocaram à campainha da porta. A criada foi ver quem era e veio dizer-lhe, com os olhos muito abertos e uma expressão apalermada na face rechonchuda:

— É o polícia!

Maurício deu um salto do sofá. As pernas tremiam-lhe, os braços caíram-lhe ao longo do corpo e a cabeça pendeu-lhe para o chão. Quis falar e a voz empastou-se-lhe na língua. A criada chegou a assustar-se:

— Que tem, sr. Maurício?

A muito custo ponde dizer:

— Não é nada... manda entrar...

No rectângulo da porta, apareceu uma figura vulgar de polícia, com um sorriso de boa pessoa, que não é habitual nestes fealdados agentes da autoridade.

— V. Ex.^a é que é o sr. Maurício Fonseca?

Baixou a cabeça para dizer que sim e desviou o olhar. Não se atrevia a encarar o homem que o vinha prender, o carrasco da sua liberdade. E, sem coragem para o interrogar, aguardava que êle falasse, como quem espera a leitura duma sentença de morte.

O polícia sacou da algibeira um livro de quotas, rasgou dois talões e entregou-lhos com um novo sorriso, desta vez mais doce ainda que o primeiro:

— Eu sou o novo cobrador da «Junção do Bem»... V. Ex.^a tem os meses de Agosto e Setembro em dívida.

Maurício encarou o funcionário, saboreou

com volúpia aquele sorriso de confiança que lhe dulcificava a expressão, e respirou profundamente.

— Ora essa... pois não... quanto é?



— São apenas quinze escudos.

Puxou da carteira e entregou-lhe uma nota de vinte.

— Guarde o resto para uma cerveja.

— Muito obrigado a V. Ex.^a. As ordens de V. Ex.^a.

Saúidou militarmente e retirou-se. A criada, que assistira à scena fazendo olhos meigos para o «sr. polícia», foi acompanhá-lo até à porta. Maurício abriu a janela de par em par, sorveu com volúpia o ar fresco da manhã, e atirou para o azul do céu esta expressão romântica:

— Como é linda a liberdade!

NORBERTO LOPES.

(Desenhos de Tagarro).

A VELHA ROMA RESSURGE...

«LIBERAZIONE DEI FUORI IMPERIALI» — O QUE A TERRA ESCONDE — DEMOLIÇÕES, DESATERROS E EXPROPRIAÇÕES — O «TEATRO MARCELLO» E O «MERCADO TRAJANO» — ENTRADA GRATUITA NOS MONUMENTOS E MUSEUS

Do Tibre ao Monte Albano, pela «Via Appia», fazem-se desaterros e demolições.

Centenas de operários, sob a direcção do ilustre arqueólogo Corrado Ricci, trabalham na reconstituição da antiga Roma.

Estas obras grandiosas, que tiveram o seu início em 1911, e se arrastavam e interrompiam várias vezes, desenvolveram-se e progrediram extraordinariamente com a vinda do Fascismo e a organização da «Liberazione dei Fuori Imperiali».

A expropriação é feita tomando por base os últimos dez anos de rendimento da propriedade. A todos os moradores dos prédios a demolir é-lhes arranjada residência num



Um detalhe do «Fóro de Trajano» já desobstruído

Estão sendo feitos, actualmente, dois grandes desaterros: O do «Teatro Marcelo, Trajano» que se encontrava nas mesmas condições.

Qualquer destes monumentos, já livres dos «bottechini», estará em breve liberto da massa de terra que o ocultava, trabalho árduo de um ano.

Dentro de muito pouco tempo vê-los-hemos enfileirar ao lado dos *Túmulo de Scião, o Africano, e da família*, com mais de dois séculos de sucessão, do «Forum de Augusto» e de muitos outros já expostos aos olhares curiosos dos habitantes de Roma.

Em breve os romanos poderão admirar mais duas antigas preciosidades: o «Forum de Nerva» e o «Capitório». A este último estão derrubando as casas que o cercam e que impedem de admirar a majestade da sua construção.

E, graças ao Decreto de 1 de Setembro, quem venha agora à cidade das fontes monumentais, pode visitar gratuitamente todas as obras de arte que fazem recordar a velha Roma.

Digo graças porque representa uma economia de trezentas e cinquenta liras, que era quanto se gastava, anteriormente àquela data, na visita aos museus e monumentos.

Roma, 1929.

J. TÓRRES DE CARVALHO.



Momento da derrocada dum prédio que oculta o «Fóro de Trajano»

bairro situado na «Via Appia», o qual já tem cerca de setenta mil habitantes.

Monumentos há que estão completamente cobertos de terra e, para os descobrir, é necessário fazerem-se desaterros enormes.

Há dois anos o «Instituto Romano Beni Estabili» adquiriu, defronte do teatro Argentina, uma porção de casas velhas para demolir e construir um grande palácio para a sua sede, no espaço ocupado por elas.

Quando se profundava o terreno para os caboucos, surgiu uma coluna, depois outra, estátuas, etc.

As obras suspenderam-se imediatamente, e a *Liberazione dei Fuori Imperiali* encetou os trabalhos de exploração.

Procedeu-se a excavações e daí resultou encontrarem-se quatro templos, — dois rectangulares e dois circulares — dos quais se ignora a era e o nome.

Neste mesmo sítio a terra oculta mais relíquias, as quais não foram ainda exploradas e retiradas por se encontrarem sob uma rua de grandes construções e de grande trânsito. Pensa-se, entretanto, iniciar esse trabalho para o ano próximo.

dentro do qual existia uma quantidade enorme de *bottechini*, e o do «Mercado de



A parte que já foi desaterrada do «Fóro de Trajano»

UMA GRAVURA DE GUSTAVO DORÉ

Esta gravura de Gustavo Doré representa, por intenção do seu autor, um incidente duma corrida de touros à portuguesa, o momento em que um moço de forcado, recém-caído na cabeça do bicho», como dizem os clássicos da «pega», sofre os «derrotes» que as «ajudas» não conseguem diminuir, a-pesar de serem dois os «rabejadores» e esforçado e unido todo o «grupo». Escrevemos que é «unido» todo o «grupo», porque na praça não se vislumbra mais figuras, a não ser as dos toureiros de tranqüilas atitudes, e não é crível que o genial Doré tivesse deixado fora da gravura algum «for-

ser a do Campo de Sant'Ana? E não poderá a desproporção ser explicável com a fantasia prodigiosa do artista que nas gravuras espanholas que viu na sua viagem com d'Avilier, é duma rigorosa verdade arquitectónica.

Por tudo isto me inclino a que Gustavo Doré não viu, pelo menos em nossas praças, a «sorte» de que, possivelmente, lhe falaram em Espanha, ou mesmo por lá a viu adulterada, como recentemente aconteceu por um grupo de falsos mármores portugueses e que, na época em que o prodigioso gravador andou por Espanha, eram fre-

grupo de subalternos, contempla, com avissada compreensão de entendido, a «sorte» que se está desenrolando! Que várias as maneiras de tratar as roupas dos «capotes» que os toureiros do mesmo grupo exibem! E a esbelteza do que, pés nos estribo da trincheira e nela apoiando seus braços, volta o pescoço e a cara para alguma bela do público!

Filia-se a visão tauromáquica de Gustavo Doré na da «Tauromaquia» de Goya, seu admirado inspirador — influência de conjunto e até de detalhe, como o daquele toureiro que se desinteressa do que na praça se está passando, voltado completamente para o público, ingenuidade tão de Goya — mas acusa bem a sua origem natal o friso superior da praça, evocando certas «arènes» do sul da França instaladas em ruínas de circos romanos.

A massa do público é ainda goyêsca, nítidas as figuras uma a uma, com alma e caracter, figuras de espectáculos de touros que, vistas em total, dão multidão, numerosa, em cachos, elevando-se aqui e ali, agitando-se, vibrando.

E em tóda esta admirável gravura — inédita para mim e devida a um número especial de «La Nacion», de Buenos Aires, e dedicado à Exposição de Sevilha — se afirma o classicismo e impressionismo, mistos do aragonez Goya e do português Sequeira, tão semelhantes e tão do espírito de Doré, ficando apenas, em minha reserva de «aficionado», a dúvida acérea da verdade da directa observação do seu fantástico autor.

E por tudo me inclino a que Gustavo Doré não viu, pelo menos em nossas praças, a «sorte» portuguesa, de que, possivelmente, lhe falaram em Espanha, quando por lá andou com d'Avilier.



cado» em sua flagrante atitude de alcançar o touro, esperando-o ou perseguindo-o. É também verdade que reduzido se nos afigura o grupo, porquanto, além do que em pronunciado mas gracioso «derrote», se eleva na cabeça do touro — touro de corpulentas carnes e dilatados anos, como então se lidavam — apenas três «forcados» se caracterizam pelo barrete próprio, os dois «rabejadores» e um outro, pois, havendo um irreconhecível, parecem ter «monteras» de toureiros os dois que se seguem aos últimos.

E onde viu Doré tão vasta e bem lançada praça portuguesa? Não se dirá que possa

qüentes por frequentes serem os intervalos mais ou menos cômicos...

Mas, excluída a rigorosa verdade — até a da indumentária dos «forcados», mais própria de toureiros — e justificada a liberdade de pôr todos os homens dum só lado e por detrás do touro — deixando que este seja visto a descoberto e em primeiro plano — que maravilhoso desenho, que ritmo e que luz! Que serena atitude e bem lançada figura a do toureiro que, destacando-se dum



Passatempo

PACIÊNCIA-ENIGMA

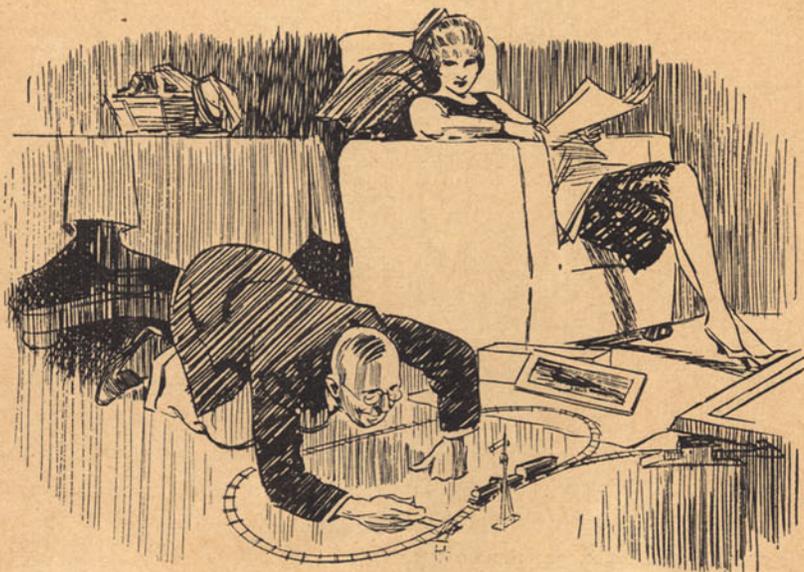
Aqui estão treze pedaços de madeira ou cartão, dispostos por modo a formarem uma figura muito simétrica, porém não represen-



tando objecto algum. Trata-se de baralhá-los, tirando-os da ordem em que se encontram e colocá-los, depois, por forma a darem-nos a figura de um objecto vulgar e que principalmente no verão, encontra grande emprêgo em hortas e jardins.

■ ■

- Escolha as armas.
- Eu, a tiro.
- Pois eu a coices não me bato.



NÃO FICA POR APROVEITAR

O pai: — Deus queira que o Luisito goste deste brinquedo.
A mãe: — Também não parece que faça grande diferença se elle não gostar!

CONSULTA MÉDICA

O médico: — O senhor tem que deixar de beber.

O enfermo: — Mas se eu não bebo senão água, doutor!

O médico: — Bem, deixe então de fumar.

O enfermo: — É que também não fumo.

O médico: — Então, não há nada que possa deixar de fazer? Bem, nesse caso vamos a ver de que é que se há-de privar, porque tem forçosamente de privar-se de qualquer coisa.

■ ■

Pretendia um fidalgo novo, padre, um bispado, e falando ao duque de Lerma, valido de Filipe III, lhe respondeu o duque que era muito novo para bispo.

Replicou o pretendente: «Se V.^a Excelência no me halla otro defeto, d'esse que me pone, cada dia me voy emendando».

Gostou o duque tanto da resposta que o fez bispo.

■ ■

DESPACHO

Havia em Estremoz um velhote chamado Isidoro Simão, de quem se conta que, sendo juiz almotacé, ou coisa que o valha, e tendo-se-lhe requerido um negócio da sua competência, lançou no requerimento o seguinte despacho:

«Se é assim, mando que sim. Se não, mando que não. — *Isidoro Simão*».

O CISNE

(Solução)



A figura aqui junta indica de que maneira convinha recortar, e fazer girar em seguida no interior da estampa, dois triângulos equiláteros, para achar a solução exacta.

■ ■

UMA COMERCIANTE ESPERTA

Entrou em certa loja de chapéus uma senhora já durázia, mas bem conservada e muito cheia de pó de arroz e de pintura, e pediu um chapéu.

A dona da loja disse para a empregada:

— Clara, deixe ver daf os modelos para senhoras de vinte a vinte e cinco anos.

A dama, desvanecida, comprou logo, sem regatear, três chapéus, e recomendou a casa a tôdas as suas amigas.

■ ■

ESTATÍSTICA ERRADA

— Dizia-me o outro dia um empregado da Casa da Moeda — estava o Sousa contando aos amigos — que a duração de uma nota de Banco era aí de uns dez a dezoito anos; mas o homem estava enganado, porque eu posso affiançar-lhes que se minha mulher levar uma nota de cem escudos para a Baixa, era uma vez uma nota em menos de meia hora.

■ ■

PODIA TER SIDO PIOR

Ela: — Com que então já foi casado três vezes!

Ele: — Já; mas com certeza não vai recusar-me por causa disso; tôda as três vezes casei por interêsse.

Columbia
ELECTRO
Graphophone



**O MELHOR REPRODUTOR ELETRICO
ATÉ HOJE CONHECIDO**

O MODELO 400 TEM UM ALCANCE
DE 1.500 METROS E O 1.º MODELO
CHEGADO FOI ADQUIRIDO PELO

TEATRO AVEIRENSE

BEM COMO UM GRANDE REPER-
TORIO DE DISCOS **COLUMBIA,**
OS UNICOS QUE SATISFAZEM
— OS MAIS EXIGENTES. —

AGENTES GERAIS:

P. SANTOS & C.^A, L.^{DA}

Rua Ivens, 52, 54 — Rua Garrett, 57, 59, 61
LISBOA

CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura
da Primavera

*Os pés
frios*

Um Calorifero da VACUUM,
que além de oferecer toda a se-
gurança, liga bem com qual-
quer estilo de mobília, é
uma agradável compa-
nhia para os dias de
frio. Não deita cheiro
algum, quando
funciona com

**PETROLEO
SUNFLOWER**

509



R. da Horta Sêca, 17 — Telef T. 980 Rocío, 67 — Telef. T. 3075